

# LÉGERÍN

N. 01

“Insistir no socialismo é insistir no ser humano”



[legerinkovar@protonmail.com](mailto:legerinkovar@protonmail.com)





# INDICE

---

*O significado de Lêgerin em significa “Busca da liberdade”*

*Por este motivo, adotamos este nome. Como milhões de pessoas em todo o mundo, buscamos a liberdade e lutamos por ela. Esperamos contribuir com nossos materiais, ter os mecanismos e métodos certos para sermos vitoriosos nesta luta.*

---

## PERSPECTIVA

- Entrevista com a Comuna Internacionalista de Rojava 01
- Perspectiva Internacionalista para o Século XXI 04
- Entrevista com Riza Altun, cofundador do PKK e membro do Conselho Executivo do KCK 07

## AVALIAÇÃO

- Meu caminho como jovem internacionalista até unir-me a luta revolucionária 13
- O mecanismo de crítica e auto-crítica 16
- A resistência anticolonial e a importância do paradigma do PKK 19
- A voz dos Şehids 23

## JINEOLOJÎ

- Modernidade Democrática: A era da Revolução das mulheres 26
- Mika Etchebéhère, revolucionária argentina na Guerra Civil Espanhola 29

## DÎROK

- A vida de Sakine Cansiz, “Construindo utopias aqui e agora” 32
- Frantz Fanon, Internacionalista Anticolonial 37

## MÚSICA

## LIVRO

40

41

# *Em memória de Şehîd Lêgerîn*



**A**s pessoas que têm um grande amor pela vida e pelas mulheres, as pessoas que querem viver livremente formam-se a si mesmas caminhando por estes duros caminhos. As que tomam a decisão de caminhar pelo caminho da liberdade são as que sabem como criarem-se a si mesmas de novo. As que aceitam a luta contra a grande injustiça, a maldade, o colonialismo como forma de vida, sabem também que não é somente o caminho de umas poucas pessoas. Sabem que não se faz apenas com inteligência e força, mas sim com força e seguindo seu coração. Convertem-se em um com o caminho pelo qual caminham. Convertem-se no caminho. Convertem-se no objetivo que queriam alcançar neste caminho. Escolher o difícil, escolher o impossível é o caráter daquelas que com uma forte convicção pela liberdade colocam os pés no caminho da liberdade. As que querem continuar sua vida com dignidade humana não escolhem os êxitos simples e baratos. Uma das coisas que as fazem diferentes é isso: para ultrapassar este tipo de fronteiras em nossas cabeças que foram construídas pela mentalidade e pelas regras de vida do sistema capitalista e patriarcal há de estar sempre questionando e de ser uma pessoa de pensamento ativo. Para encontrar novos pensamentos há de

estar sempre buscando. Essa foi verdadeiramente a qualidade de Alina Sánchez “Lêgerîn” que, em sua busca por uma vida livre, mostrou a valentia de ir para outra parte do mundo, a milhares de quilômetros da terra em que nasceu. Ela entrou em contato com o povo curdo e sua luta por libertação quando foi à Europa para viajar. Era estudante de medicina. Neste campo ela também se reuniu com jovens curdos que estudam o mesmo. Essa luta contínua de centenas de anos contra o colonialismo, o capitalismo no continente americano, a experiência e as histórias de resistência das mulheres e dos povos tiveram um grande impacto na personalidade da camarada Lêgerîn e de sua vida diária. Ela converteu em seus princípios fundamentais o combate à injustiça, independente de onde ela se produza, e se colocar lado a lado com as pessoas que resistem. Essa foi exatamente a primeira energia que senti quando conheci à camarada Lêgerîn. Parecia que ela conhecia aos curdos há muito tempo e também conhecia muito bem a luta pela liberdade dos curdos. Apesar de conhecer às pessoas, mas não o idioma, ela era capaz de interagir diretamente com elas de forma muito afetiva. A sinceridade de alguém, a naturalidade de alguém são provas de quão fortes são as convicções de uma pessoa. Não

falávamos o mesmo idioma que a camarada Lêgerîn, mas como mulheres, na busca pela liberdade, tínhamos muito em comum. Falávamos com a linguagem de nossos corações e com uma lógica intuitiva. Era uma mulher que tinha o poder de fazê-lo. Em seus olhos se podia perceber que tinha algumas perguntas silenciosas. Perguntas que eram muito mais que “quem são os curdos?, onde fica o Curdistão?”. Queria entender e aprender sobre a ideologia, a filosofia desta luta. Sim, estava muito interessada nos objetivos ideológicos, filosóficos, históricos e sociais mais profundos desta luta. Todo revolucionário tem sede de aventura, assim como deve ser. Isso sempre o leva em direção a algo novo e é uma das coisas que são como um obstáculo para manterem-se em um lugar ou ficarem ali por muito tempo. É importante saber que o caminho da revolução não está adornado com muitas seguridades ou circunstâncias de garantias para sua vida. A estabilidade, uma energia

Sul desde o ponto de vista histórico, religioso, mitológico, geográfico, cultural e da sociedade. Por um lado, estudou e aprendeu sobre o Curdistão e o Oriente Médio e, por outro, contou às mulheres e aos homens revolucionários do Curdistão a história da colonização e da resistência da América. Ela se organizou para conectar essa busca contínua de centenas de anos por liberdade das pessoas da sua terra com as pessoas do Oriente Médio. Ela caminhou através das montanhas, milhas e milhas. Sob o sol do Curdistão ela suou, se cansou e se pôs passo a passo nestes caminhos tão empoeirados. E a quem quer que conhecesse, se era alguém que acabara de unir-se à luta ou alguém que já levava 40 anos lutando nestas montanhas, não ocultou o seu coração no mais profundo sorriso. Seu curdo progrediu com passos seguros. Escutou a todos com muita atenção. Sua risada vinha tanto de seu interior, sua participação na vida diária era tão natural que com

Não era uma espectadora. Eu vi nela a posição de uma mulher da vanguarda que estava assumindo sua responsabilidade revolucionária

constante, não existe. Um revolucionário ou um explorador têm que manter a energia sempre em um fluxo em relação à busca, ao movimento ou à criação de algo novo. Esse fluxo de energia foi possível de ver na personalidade da camarada Lêgerîn. Camarada Lêgerîn escolheu seu nome por si mesma. Lêgerîn em curdo significa “busca” ou “buscar”. Que significativo... Que conexão tão agradável e tão significativa com Abdullah Öcalan, o fundador da luta pela liberdade no Curdistão, o fundador desta luta e seu primeiro viajero, e com seus questionamentos da vida e sua forma especial de busca... Porque a luta pela liberdade no Curdistão não é apenas a busca pela libertação da terra colonizada, mas também da mulher, da gente, dos espíritos, das culturas, das mentes e dos corações colonizados. A segunda vez que me reuni com a camarada Lêgerîn foi nas montanhas do Curdistão, na zona da guerrilha. Ela estava visitando a guerrilha nas montanhas do Curdistão para discutir e falar com eles sobre temas históricos, sociais e ideológicos. Nos encontramos na academia de Şehit Zeynep Kınacı do Movimento das Mulheres Livres do Curdistão. A camarada Lêgerîn realizou seminários sobre a América do

sua modéstia foi capaz de criar uma atmosfera de profunda camaradagem. Qualquer um que a visse, assumiria que esteve vivendo com a guerrilha durante muito tempo. Seu esforço para ler e compreender o novo paradigma do camarada Abdullah Öcalan foi muito alto. Ela tinha um foco muito diferente de apenas “mostrar solidariedade ao povo curdo”. Se uniu à responsabilidade revolucionária de colocar em prática este paradigma para uma sociedade democrática, ecológica e libertadora da mulher. Cada vez que um guerrilheiro ou um comandante da guerrilha a via, depois de inteirar-se de que era de Argentina, lhe falava de Ernesto Che Guevara e do quanto Che significava e era importante para eles. Falavam também “sim, nossa revolução e nosso povo necessitam de apoio no setor da saúde e do tratamento”. Mas a camarada Lêgerîn não compartilhava esta visão para ver a si mesma apenas como uma “doutora”. Ela disse: “na realidade poderia chamar a todos nesta montanha de um, todos os que estão resistindo são Che” e disse que regressaria a esse solo como uma revolucionária. Ela tinha uma promessa que fez à sua família, à sua mãe e especialmente ao seu pai de que terminaria os estudos



de medicina e obteria seu diploma. Assim prometeu a camarada Lêgerîn durante sua visita às montanhas do Curdistão e especialmente aos camaradas da guerrilha pela libertação do Curdistão. E então regressou ao seu país. Ela terminou com êxito seus estudos de medicina em Cuba em 2012. Obteve seu diploma. Logo voltou à Argentina. Cumpriu a promessa que fez aos seus familiares. Se reuniu com alguns camaradas curdos no mesmo ano em sua própria terra. Os disse que queria ir ao Curdistão. Lhe disseram que como doutora internacional sua contribuição à revolução era muito significativa e valiosa. Mas ela apontava a algo muito maior. Não queria converter-se em “doutora”. Não queria viver no sistema capitalista e fazer uma contribuição com seu trabalho. Ela disse: “não tenho nenhum sonho, desejo ou pretensão de voltar a essa vida dentro deste sistema. Não quero viver neste sistema. Quero que me entendam bem. Não tenho o plano de ir ao Curdistão ajudar e logo voltar pra cá. Quero unir-me ao estabelecimento e criação de um sistema completamente novo”. Essa mulher que foi capaz de superar todas as fronteiras que foram desenhadas por este sistema opressivo-estatal-colonizador, essa pessoa que se uniu a essa viagem revolucionária para viver algo maior, mais significativo e mais livre também nos levou a desenvolver novos pontos de vista. Ela se uniu à luta cada vez mais crescente para criar e construir um sistema alternativo, um sistema de confederalismo democrático no Curdistão, em Rojava. Seu caminho a seguir encontrou no paradigma da democracia, da ecologia e da libertação da mulher. Eu tive a sorte de encontrar-me com ela uma vez mais em Rojava. Trabalhou no hospital de Serekaniye. Foi na época em que começou a ofensiva para liberar Minbic. Uma luta histórica contra o Estado Islâmico seguiria adiante. Para salvar aos feridos do campo de batalha, a camarada Lêgerîn e todos os trabalhadores da saúde trabalharam dia e noite. Cada morte que se deslizava sobre ela parecia uma sombra. Era possível ler em seu rosto o duro que era esta dor de perder uma pessoa fisicamente. E devolver uma pessoa à vida. Nestes momentos era possível ver como os olhos da camarada Lêgerîn estavam cheios de luz e como o sol brilhava em sua cara. Ela trabalhou em condições difíceis. Nestas circunstâncias tivemos uma conversa durante algumas horas. Compartilhamos nossos pensamentos, críticas e sugestões sobre a Rev-

olução de Rojava. E sim, uma vez mais vi que tipo de análise ideológica profunda fez minha camarada, com o ponto de vista do nosso novo paradigma e das experiências positivas e negativas existentes nesta revolução. Não era uma expectadora. Vi nela uma posição de uma mulher de vanguarda que assumia sua responsabilidade revolucionária. Tinha ideias e pensamentos sobre tudo, desde a crítica até as soluções. Era alguém que não se rendia diante das dificuldades, mas que compartilhava sua busca por soluções com outros. Dessa maneira, era uma vanguarda para uma vida em comum (comunitária). Tinha a maturidade, onde quer que fosse, para manter essa posição, para assumir essa responsabilidade. Enquanto nos despedíamos, ela disse “sinto muito, mas tenho que voltar ao hospital, trouxeram os camaradas feridos, tenho que estar ali”. E se foi. Enquanto a observava afastar-se compreendi uma vez mais que a revolução de Rojava e, em geral, a revolução do Curdistão com camaradas como Lêgerîn conseguiu fazer-se universal, crescendo cada vez mais sobre um fundamento muito estável. Lêgerîn se converteu em nossa ponte para nos conectarmos a energia universal e a todos os valores universais da humanidade. Nos abriu um novo caminho. Converteu-se em um dos nossos caminhos para a busca de uma vida livre. Agora nossa marcha é em direção a toda essa Lêgerîns. O dia em que nos separamos fisicamente dela, em 17 de março de 2018, foi um dia muito duro para nós. Continuar o caminho que percorremos com a camarada Lêgerîn, honrar-nos ao estar do mesmo lado da luta que ela e conhecer seus sacrifícios nos deu uma grande responsabilidade e nos fortaleceu em nossa insistência na busca de uma vida livre.





## Entrevista com a Comuna Internacionalista de Rojava

**E**m 2017, a comunidade se tornou um espaço político para os jovens internacionalistas participantes da revolução Rojava. A Comuna Internacionalista dirige a academia internacionalista Şehîd Hêlîn Qereçox (nomeado em homenagem à lutadora internacionalista britânica YPJ Anna Campbell, que caiu defendendo Afrin contra a invasão turca em 2018). A academia oferece educação sobre os fundamentos ideológicos da Revolução do Curdistão, bem como sobre a história do internacionalismo, para discutir as perspectivas do confederalismo democrático global.

### **Você poderia nos dizer mais sobre como O que significa viver na comunidade?**

Estar em uma comunidade significa muitas coisas ao mesmo tempo. Por um lado, somos um lugar para os jovens internacionalistas que participam da revolução em Rojava. Ao mesmo tempo, a academia internacionalista também existe para compreender os fundamentos ideológicos desta revolução. Também educamos os camaradas sobre a história do internacionalismo, para que todos tenham a possibilidade de desenvolver uma compreensão do que o internacionalismo significa hoje em dia. Praticamos esportes juntos e organizamos pequenos seminários sobre temas relevantes para um projeto, ou para nosso entendimento da revolução. Por exemplo, o último seminário que fizemos

juntos foi sobre o orientalismo. Os camaradas também têm a possibilidade de participar de todas as outras atividades revolucionárias que acontecem na Rojava, como o trabalho social ou o trabalho em instituições ou estruturas. No trabalho da sociedade, nossos camaradas organizam os jovens ou implementam planos como atividades comunitárias. Várias iniciativas foram realizadas pela comunidade, por exemplo, o trabalho ecológico da campanha Tornar a Rojava Verde Novamente (Make Rojava Green Again).

### **Qual é o papel da educação em seu vive dentro da comunidade?**

A educação é uma parte contínua da revolução. Abrimos nossa academia para dar educação ideológica aos novos camaradas, mas a educação também é algo perpétuo. Em tempos de trabalho prático, todos estão lendo, discutindo e tentando se desenvolver. A educação também pode ser atividades como visitar instituições ou ter uma discussão ideológica com alguém dentro da sociedade. Além disso, tentar colocar os projetos em prática é algo que nos ensina muito. Tentamos nos conhecer, mudar a nós mesmos: Por que não pude fazer um projeto de plantação de árvores com sucesso? A maior parte de nosso conhecimento em nível prático vem da sociedade ou de camaradas que ficam aqui por mais tempo, pois é necessário entender a mentalidade e a organização na Rojava



para colocar algo em prática. Desenvolvemos continuamente nossos pensamentos, porque sob as condições de guerra e, no entanto, também temos que saber como fazer algo durar.

**Em que medida a vida comunitária molda sua consciência? Você sente diferenças entre suas vidas na comunidade e o trabalho político que realizou em seus países de origem?**

A vida comunitária faz você pensar diferente, porque é a base para pensar e planejar socialmente, e não apenas para você mesmo. Você começa a parar de pensar tanto a nível individual: "Isso é bom para mim?", essa pergunta se torna a pergunta: "Isso trará progresso? Vivendo na modernidade capitalista, muitas vezes estávamos em contradição, porque estávamos em grande parte perseguindo motivos egoístas. Pensamos que seríamos mais felizes em ter nosso próprio quarto, nossa casa, nosso carro e nossa agenda pessoal. Mas este não é o caso, no final, isto faz com que os humanos se sintam solitários. Na vida comunitária, você quase nunca está sozinho, seja no sentido ideológico ou emocional, seja no sentido físico. Todas suas lutas e contradições, mesmo os dias em que a casa está muito fria: seus camaradas a vivem com você. Talvez houvesse alguma unidade, algum senso de comunalidade em nossas vidas na Europa. Mas quanto mais forte é a luta da Rojava, mais cresce a comunalidade. Também é importante a questão de quão bem conseguimos mudar nossas personalidades e encontrar nosso lugar na luta. Nada em nossa vida aqui permanece no abstrato, todas as nossas contradições ou problemas estão lá em nossas vidas, e assim você aprende a lutar e se desenvolver consigo mesmo e com os outros.

**Os membros da comuna, especialmente as mulheres, têm publicado excelentes trabalhos sobre a luta contra o patriarcado. Existem esforços autônomos particulares das mulheres dentro da comuna?**

A comuna é um lugar onde tentamos colocar a ideologia do movimento curdo de mulheres e Abdullah Öcalan em uma prática que é significativa para nós como jovens internacionalistas. Neste sentido, também podemos dizer que sempre vimos a necessidade de ter programas autôno-

mos, nossos próprios dias de educação, a possibilidade de trabalhar por algum tempo nos trabalhos do movimento feminino ou de ingressar na educação de Jineloji. Vimos uma grande necessidade de nos desenvolvermos, de sermos capazes de desenvolver uma personalidade militante na luta pela liberdade da mulher. Por outro lado, temos que dizer que as tentativas da Turquia de destruir Rojava, e o objetivo de outros Estados, como a Rússia e os Estados Unidos, de sufocá-la e despojá-la de seu significado, têm um efeito profundo sobre a situação das mulheres em Rojava. Portanto, nossos empregos de alguma forma mudaram após a última ofensiva. Agora podemos dizer que, por exemplo, as mulheres camaradas na sociedade desempenham um papel significativo na organização das mulheres jovens, mas também têm a oportunidade de compreender mais profundamente a libertação das mulheres e, ao mesmo tempo, de si mesmas. Participamos do trabalho da União das Mulheres Jovens de Redwood, e também é possível que os camaradas participem do trabalho da Kongreya Star, o movimento geral de mulheres de Redwood. Tanto as mulheres jovens quanto as organizações de mulheres participam da organização da sociedade e da resolução dos problemas das mulheres na Redeva, com uma abordagem diferente de acordo com o papel que as mulheres e as mulheres jovens desempenham na sociedade. O desastre ecológico é, no mínimo, um problema global que afeta toda a vida em nosso planeta. Ao mesmo tempo, as formas estatais de luta de socialismo e libertação com seus altos padrões modernistas e industrialistas muitas vezes negligenciaram esta questão, para dizer o mínimo. Parece significativo que eles tenham decidido trabalhar em questões relacionadas à ecologia como internacionalistas. Não apenas decidimos que vamos trabalhar em questões de ecologia, mas é uma grande busca de mudança, que agora podemos ver nas sociedades de todo o mundo.

**Como você avalia o papel da Comuna Internacionalista da Cruz Vermelha na articulação do internacionalismo no século XXI?**

Concordamos com a luta pela libertação global das mulheres e a luta pela democracia, especialmente porque o movimento de mulheres está agora desenvolvendo esta perspectiva em

uma iniciativa para uma perspectiva global dentro da estrutura do confederalismo democrático. Nosso objetivo é que todos os nossos camaradas desempenhem seu papel na construção disto. Se queremos ter sucesso em fazer do século 21 o século das mulheres, como disse Abdullah Öcalan, nós, como jovens internacionalistas, também teremos que dar um passo adiante. Em todo o nosso trabalho, podemos nos perguntar como estamos trabalhando para conseguir isto em um nível prático. Podemos ver que a Academia Internacionalista participará deste processo, oferecendo educação. Ao mesmo tempo, especialmente para os camaradas na Europa, é importante superar o individualismo, pois as sociedades na Europa foram fortemente prejudicadas pelo sistema estatal e capitalista, e assim as mulheres livres também são forçadas a se renderem ao sistema. Neste sentido, acreditamos que é importante trabalhar em nossas atitudes em relação à formação de uma sociedade, para devolver às mulheres livres um lugar no coração da sociedade.

### **Quais são as formas concretas pelas quais os internacionalistas fora da Rojava podem ajudar a defender a revolução?**

Esperamos que mais e mais pessoas sintam que a revolução Rojava é sua própria revolução. Acreditamos também que é necessário que não seja entendido como algo à parte de tudo o mais. Podemos dizer que após os últimos ataques houve uma avaliação de que duas questões eram uma parte importante da defesa da revolução: as forças no terreno em Rojava e as ações que estavam acontecendo internacionalmente. Desta forma, também o trabalho concreto dos internacionalistas fora da Europa deve ter muitas cores: o trabalho de solidariedade direta será necessário, mas também funciona em muitos outros níveis. Trabalho diplomático, trabalho solidário, trabalho educativo, construção de uma organização mundial de apoiadores. Que seja para promover uma compreensão mais profunda das obras de Jineoloji ou da organização revolucionária da juventude. Quanto melhor compreendermos as perspectivas de Abdullah Öcalan, mais encontraremos o espírito e a criatividade para alcançar o progresso em todos os níveis da revolução. E cada um desses camaradas do movimento, cada organização

também se perguntará que parte podem assumir na defesa da revolução. Isto é o que mais queremos explicar a todos: continuar sempre em movimento, continuar lutando, e colocar todo nosso coração e criatividade nisso, para que possamos fazer o maior progresso, independentemente dos obstáculos. E como nossos camaradas sempre dizem: a primeira regra na guerra é continuar sempre em movimento e ser rápido. Isto também é verdade para cada trabalho fora da Cruz Vermelha nestes tempos. Devemos estar preparados para todas as possibilidades, porque a guerra também se tornou mais forte.

### **Algum comentário geral ou ligações que você gostaria de fazer?**

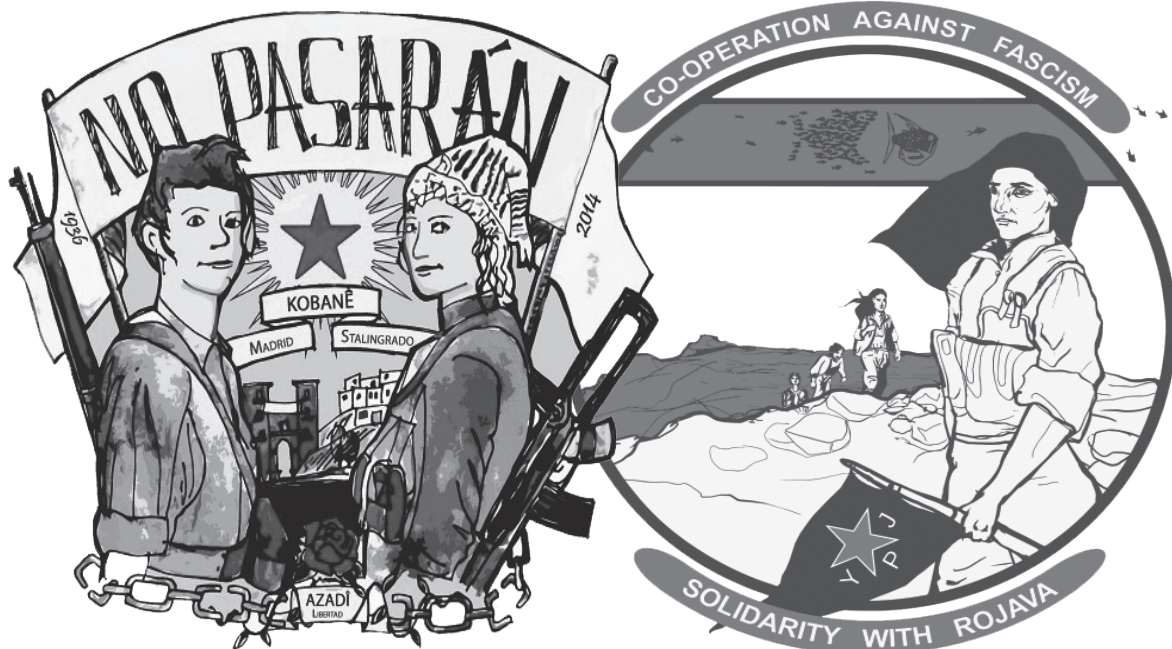
Esperamos que nossos camaradas encontrem seu lugar nesta revolução em Rojava ou na luta por ela em todos os outros lugares do mundo, pois esperamos que esta revolução seja um passo importante na superação do patriarcado e do capitalismo.



*A equipe editorial da **Komun-Academy**, entrevistou a Comuna Internacionalista de Rojava, mas a entrevista foi reduzida para a Lêgerîn, a entrevista completa pode-se encontrar em seu website.*







## PERSPECTIVAS INTERNACIONALISTAS PARA O SÉCULO XXI

Todos os organismos vivos, simples ou complexos, desenvolveram as suas próprias formas de autodefesa para proteger as suas vidas e a beleza que oferecem ao mundo. A rosa que se protege através dos seus espinhos é um exemplo disso. A autodefesa é, portanto, tão essencial à vida como a água ou o sol. Para os seres humanos, a autodefesa não é apenas uma necessidade biológica, é acima de tudo uma necessidade social. Desde o início, as primeiras comunidades humanas tiveram de procurar diferentes formas de se protegerem dos ataques e perigos com os quais viviam na sua realidade. Mas esta realidade era muito limitada; ataques de alguns animais, escassez de alimentos, frio ou tempestades, e pontualmente algum possível ataque de outro grupo humano. Com o passar dos anos, as realidades em que as diferentes sociedades humanas viviam juntas tornaram-se cada vez mais complexas, ao mesmo tempo que se conectavam com as realidades de outras sociedades humanas. Atualmente, esta conexão é global, e o que acontece na realidade de uma sociedade pode rapidamente afetar uma sociedade do outro lado do planeta. Podemos realmente ver esta conexão como uma característica do próprio Universo, do qual todos faze-

mos parte e somos uma consequência. A Teoria do Caos também nos fala sobre isto através do chamado efeito borboleta. Assim, a devastação da Amazónia ou o morticínio de abelhas numa parte do planeta podem levar a verdadeiros desastres para as sociedades humanas a nível global, bem como para o resto dos seres vivos. O exemplo da COVID-19 também nos mostra que, neste mundo globalizado e interligado, um vírus num determinado lugar do mundo pode rapidamente tornar-se uma epidemia global que afeta e altera os estilos de vida de milhões de pessoas e sociedades. Para dar outro exemplo, desta vez mais agradável, a revolução de Rojava, um pequeno território com alguns milhões de habitantes, continua a influenciar milhares e milhares de pessoas em muitos lugares desde o seu início e as leva a mudar a sua maneira de pensar e de se relacionar. Vemos como tudo e todos estão ligados uns aos outros, tanto local como globalmente, influenciando-nos diariamente e historicamente, pessoal e socialmente.

### Curdistão e o câncer dos Estados-nação

Nos encontramos na 3ª Guerra Mundial, desta vez com o epicentro no Oriente Médio, especi-

ficamente no Curdistão, onde as grandes potências internacionais estão atualmente levando a cabo os seus planos contra a Vida. O Estado-nação se impõe como células cancerígenas em cada canto do mundo através de massacres e violações, destruindo sociedades e natureza com os punhos do homem dominante. Do mesmo modo, o Estado-Nação manipulou tanto a mente da sociedade que esta se convenceu de que já não precisa de autodefesa, porque o Estado, através do controle e da militarização e de falsos conceitos de democracia e liberdade, veio para nos proteger. A sociedade não é um organismo vivo, uma vez que é composto por centenas ou milhares de seres vivos? Então, porque é que, se todos os organismos vivos têm os seus próprios métodos de autodefesa, as sociedades humanas complexas renunciaram a esta necessidade vital entregando as nossas vidas a um sistema assassino? Neste ponto e conectando-nos à história, que é uma espiral viva cheia de acontecimentos cumulativos, devemos nos perguntar; se as primeiras comunidades humanas estavam conscientes da necessidade de autodefesa nas suas realidades concretas, não deveríamos realizar um sistema de autodefesa de acordo com a realidade complexa e interligada de hoje?

### Internacionalismo na prática

Pessoas de todas as partes do mundo viajaram para Rojava para aprender em primeira mão sobre a revolução que vem ocorrendo há alguns anos, muitos até deram as suas vidas em sua

defesa; milhares são influenciados pelo conhecimento das comunidades zapatistas, que são um farol de esperança desde que se ergueram em 1994; outros milhares foram para Abya Yala e participaram nos diferentes processos revolucionários que tiveram lugar ao longo do século XX, tal como milhares vieram pegar em armas contra o Estado espanhol durante a 36ª revolução para defender os princípios socialistas das garras do fascismo. A luta contra o patriarcado, o Estado, o capitalismo e a colonização deve ser internacional e organizada através da criação de um sistema de autodefesa que responda às realidades atuais, onde o internacionalismo não é um fim em si mesmo mas uma visão coletiva a partir da qual todos nos reconhecemos mutuamente nas diversidades que nos enriquecem. Neste sentido, a melhor maneira de mostrar solidariedade e apoiar a revolução em um lugar é dar passos para a luta revolucionária nos territórios onde vivemos, passos decididos com base no amor por nossa história e nossa terra, porque a conexão com nossas raízes será a melhor maneira de levar a luta a um nível global, porque de que internacionalismo poderíamos falar se não sentíssemos amor pela história e pela luta da terra à qual pertencemos? Poderíamos lutar pela revolução em uma parte do mundo se não nos entusiasmássemos cada vez que pensávamos em fazer revolução dentro da sociedade da qual fazemos parte? O amor por nossa terra, nossa história, nossa cultura, nos permitirá desenvolver um amor por outras terras, histórias e culturas, um amor que é profundo e realmente necessário para levar a luta a bom termo.





### **A luta por liberdade exige ação**

Rêber Abdullah Öcalan diz que o objetivo do Universo é a liberdade, e isto pode ser visto no canto de um rouxinol, nas milhares de cores da natureza ou no empenho de um animal capturado para se libertar de sua gaiola. O ser humano, como parte do Universo, também está em busca de liberdade, e no internacionalismo encontrou uma fórmula para alcançar coletivamente a vida

clássicos do internacionalismo, e visa desenvolver uma organização mundial que, através da libertação das mulheres, desenvolva, em nível local, sociedades democráticas e ecológicas. Nos últimos anos vimos como as reivindicações das mulheres em uma parte do mundo se transformaram em campanhas de luta e solidariedade internacional, como MeToo ou Ni una menos; vimos também como todo o planeta se encheu de mulheres usando lenços verdes em solidariedade com a luta pelo aborto dos camaradas na Ar-

## **O MOVIMENTO DE MULHERES DO CURDISTÃO AFIRMA QUE O SÉCULO XXI É O SÉCULO DA LIBERAÇÃO DAS MULHERES.**

livre e, ao mesmo tempo, ser capaz de defendê-la. Mas a luta tem que ser realizada no espírito do século XXI. Historicamente, o internacionalismo foi baseado em entendimentos de classe e/ou libertação nacional. Mas estes entendimentos são insuficientes e não visam a criar uma alternativa comum. Em todos os lugares do mundo vemos as mulheres tomando consciência de sua própria força e assumindo a liderança na luta; Curdistão, Chiapas, Chile, Sudão.

### **Uma revolução para as mulheres de todo o mundo**

O Movimento das Mulheres do Curdistão afirma que o século 21 é o século da libertação das mulheres. Portanto, desenvolver a luta dentro do espírito deste século significa colocar a libertação da mulher no centro da luta. Neste sentido, as ferramentas ideológicas, práticas e científicas desenvolvidas pelo Movimento de Mulheres do Curdistão e oferecidas às mulheres de todo o mundo nos mostram como as mulheres devem ser a vanguarda do internacionalismo no século XXI. Com a ciência da mulher, Jineolojî, desenvolveremos uma base científica que conecta todos os conhecimentos, experiências, lutas e resistências realizadas pelas mulheres e pelos povos em rebelião, levando-nos a dar passos profundos no caminho da busca da vida livre e da construção de uma autodefesa internacional que garantirá os êxitos alcançados. A proposta do Movimento de Mulheres do Curdistão sobre a Confederação Mundial de Mulheres é uma alternativa concreta que vai além dos entendimentos

gentina; durante os meses de outubro e novembro de 2019 foram criados dezenas de comitês de Women Defend Rojava (WDR) por toda a Europa - comitês que existem até hoje - para expandir a resistência da revolução Rojava e do Norte e Leste da Síria aos ataques do exército turco; mulheres de todo o planeta participaram dos encontros internacionais de mulheres que lutam, organizados pelas camaradas zapatistas... poderíamos dar muitos mais exemplos que mostram a força das mulheres em sua busca pela liberdade. É hora de converter esta força de busca em uma força organizada, do local ao global e vice-versa, conectada internacionalmente para desenvolver a luta pela vida livre de forma mundial, e assim levar as mulheres, as sociedades, os povos e a natureza para a libertação.

**Casilda Ginestá**  
**Comitê de Jineolojî da Europa**





## Entrevista com Riza Altun, cofundador do PKK e membro do Conselho Executivo do KCK

**E**m muitos lugares do mundo, especialmente na América do Sul e Europa, movimentos e ativistas revolucionários estão acompanhando a luta do PKK e de Rojava com interesse crescente. A maioria deles é incapaz de conectar as relações com a coalizão liderada pelos EUA da resistência Kobanê à identidade socialista e anti-imperialista do PKK e das forças Rojava.

*P: Na sua opinião, isto não é uma contradição? É uma situação temporária devido ao cerco político, militar e social e ao isolamento dos curdos ou tem outra explicação?*

Para entender a situação política atual, é necessário saber como ela se desenvolveu. Estes não são os resultados de uma relação política estratégica previamente planejada, mas sim uma situação política e tática que se desenvolveu durante a resistência. Quando a crise no Oriente Médio surgiu, houve uma luta que o PKK vem lutando no Oriente Médio há

40 anos. Nossa luta foi dirigida principalmente contra o sistema imperialista e capitalista que aparece no Curdistão dividido em quatro partes sob a forma de estados colonialistas. Por exatamente 40 anos, o imperialismo e o capitalismo tentaram apoiar as forças colonialistas na supressão do movimento pela liberdade com métodos diferentes. A conspiração internacional contra nossos líderes [refere-se à cooperação dos serviços secretos de vários estados contra o PKK, que resultou no seqüestro de seu presidente Abdullah Ocalans (chamado Apo) em 1999] é também uma consequência disso. Esta é uma abordagem sistemática para a liquidação do nosso movimento. Uma abordagem do imperialismo e do capitalismo. As primeiras abordagens no surgimento da crise no Oriente Médio visavam novamente excluir o movimento da fase, suprimindo-o e aniquilando-o. Esta foi mais uma política que foi realizada no âmbito de uma aliança entre as forças colonialistas e imperialistas. Se olharmos especificamente para a



Síria, podemos ver isto ainda melhor. Quando o caos começou na Síria, um grande número de círculos que surgiram como oposição da Síria tinham relações com o imperialismo internacional, forças coloniais regionais e círculos hegemônicos. Enquanto estavam em conflito com o regime, não tinham a menor conexão com os curdos, que resistiam para sua própria proteção. Não havia força de apoio para os curdos. Entretanto, quando mais tarde forças como a Turquia e a Arábia Saudita, que aprofundaram a crise síria, atacaram os curdos através de suas ferramentas, desenvolveu-se uma resistência na linha do Rêber Apo. Quando esta resistência surgiu, as forças atuando em nome da oposição síria fizeram todo o possível para reprimi-la junto com o regime sírio. Quando organizações como ISIS, a Frente al-Nusra e o Ahrar El Sham atacaram as áreas com uma população majoritariamente curda com o apoio do regime Assad, os curdos responderam de acordo com a linha do Rêber Apo e do PKK. Começou uma resistência. Este é o ponto essencial onde os conflitos e a resistência começaram.

### **A resistência de Kobanê foi um ponto de inflexão**

Quando o conflito e a resistência começaram, forças como a Turquia, Irã e Síria apoiaram os grupos Salafistas em seu ataque aos curdos na Síria. Outras forças, especialmente os EUA e Israel, também os apoiaram. Eles os obrigaram a agir no seu próprio interesse. As forças de Salafi atacaram os curdos com este apoio. A

resistência de Kobanê foi um ponto de inflexão. Até então, não havia uma única força regional ou internacional apoiando a luta pela liberdade curda. Também não havia nenhuma força que estivesse interessada em uma relação tática. Todos eles juntos tentaram de tudo para liquidar o movimento. O Irã tentou deter este desenvolvimento com o regime sírio. Os EUA e Israel, por outro lado, através da Turquia e Arábia Saudita, tentaram apoiar as forças de Salafi para reprimir o movimento. Eles tentaram implementá-lo com métodos como o programa “Train and Equip” ou a entrega direta de armas e apoio logístico. Tem havido uma resistência implacável a isto. Tem havido uma resistência implacável tanto contra as forças do status quo regional, como contra as forças de Salafi e as forças apoiadas pelos EUA, Israel e Turquia. Kobanê foi o ponto de inflexão desta resistência.

### **A resistência do Şengal deu ao mundo ar para respirar**

As forças que lutam pelo domínio no Oriente Médio têm seguido uma política muito consciente e implacável com o ISIS. Eles seguiram exatamente a mesma estratégia de Genghis Khan e Timur Lenk para dominar todo o Oriente Médio: violência e brutalidade ilimitadas. O fato de o ISIS ter mostrado as cabeças decepadas de centenas de pessoas na imprensa não se deve a sua ignorância, mas é inteiramente um cálculo estratégico. A estratégia é criar medo, pânico e devoção. Após os primeiros massacre, observou-se que mesmo antes do ISIS se mover, o medo se espalhou e as cidades foram entregues sem resistência. A primeira e única resistência contra eles foi demonstrada pelos guerrilheiros PKK e os militantes do YPG e YPJ que lutaram em Rojava quando a população curda de êzîd foi atacada em Şengal. Enquanto os EUA, a Rússia e os países da UE assistiram ao genocídio da sociedade Êzîd apesar de suas enormes forças, os guerrilheiros das HPG e YJA e os combatentes

ver, o medo se espalhou e as cidades foram entregues sem resistência. A primeira e única resistência contra eles foi demonstrada pelos guerrilheiros PKK e os militantes do YPG e YPJ que lutaram em Rojava quando a população curda de êzîd foi atacada em Şengal. Enquanto os EUA, a Rússia e os países da UE assistiram ao genocídio da sociedade Êzîd apesar de suas enormes forças, os guerrilheiros das HPG e YJA e os combatentes



de YPG/YPJ salvaram centenas de milhares de Êzîd, cristãos e muçulmanos de um massacre. A resistência em Şengal deu literalmente ao mundo ar para respirar e os fez parar e pensar. As pessoas foram liberadas da atmosfera de pânico e medo e começaram a questionar a situação. As pessoas começaram a se perguntar: por que os EUA, a União Européia e outras forças globais e regionais não intervêm nesta brutalidade apesar de suas muitas possibilidades? Ou será que querem lucrar com esta brutalidade? Embora esta situação tenha colocado em questão a legitimidade dos estados internacionais e regionais mencionados acima, o PKK e seu líder conquistaram uma grande reputação. O selo de "terrorismo" que o colonialismo e o imperialismo turcos colocam em nosso movimento há 40 anos foi apagado. A partir deste ponto, ninguém poderia continuar as relações com o ISIS ou organizações similares. Especialmente as forças que se definiram como "estados democráticos" tiveram que usar novos mé-

### **A resistência tem causado remorso na comunidade internacional**

Com a resistência curda em Rojava e Kobanê, uma nova situação foi criada. A comunidade internacional e a opinião pública acumularam uma pressão incrível sobre os EUA e outras forças globais para intervir. Şengal e Kobanê têm literalmente causado remorsos na comunidade internacional. Assim como durante a Segunda Guerra Mundial, a aliança entre a União Soviética e os Estados Unidos contra o fascismo de Hitler foi considerada legítima por ambos os lados e pela sociedade, a relação entre a coalizão liderada pelos EUA e o YPG é considerada legítima e necessária por ambos os lados do público. Como a União Soviética e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, desta vez ambos os lados sentiram a necessidade de um relacionamento. Assim, foi estabelecida uma relação tática com a coalizão liderada pelos EUA na luta contra o ISIS. Como

Como durante a Segunda Guerra Mundial, a aliança entre a União Soviética e os Estados Unidos contra o fascismo de Hitler foi considerado legítimo de ambos os lados e da sociedade

todos para continuar sua existência na região. Apesar disso, as forças regionais continuaram sua política com o ISIS e forças similares. Desta vez eles tentaram colocar o ISIS em Kobanê e derrubar Kobanê. O objetivo era liquidar as conquistas dos curdos em Rojava e especialmente as conquistas de uma linha livre no Oriente Médio. Todo mundo tem interesse nisto de alguma forma. Tanto o regime como, indiretamente, as forças que o apoiaram, a Turquia e a Arábia Saudita, tinham interesse no mesmo. O ISIS tinha estabelecido suas relações estratégicas e táticas através da hostilidade curda. O ataque a Kobanê foi o resultado disso. Foi demonstrada séria resistência contra o ataque a Kobanê, que incluiu todas as quatro partes do Curdistão. Especialmente os curdos do norte, sul e leste do Curdistão demonstraram a sensibilidade necessária para a resistência de Kobanê. A longa duração da resistência também tem reforçado cada vez mais o interesse das sociedades regionais e do público internacional.

esta relação começou deve ser avaliada desta forma. Ao invés de julgar apenas pelas posições ideológicas de ambos os lados, é mais importante ver como esta relação se desenvolveu e quem age nesta relação com que finalidade. Porque, durante 40 anos, os EUA têm lutado contra o PKK e o PKK tem lutado contra o colonialismo e o sistema imperialista. Mas, há uma nova situação e um caos que existe no Oriente Médio que afeta o sistema mundial. Este caos não diz respeito apenas à luta dos povos oprimidos e dos movimentos socialistas e à luta das forças imperialistas. Há as lutas entre as próprias forças imperialistas, as lutas entre as forças imperialistas e regional-colonialistas e as lutas reacionárias locais. Esta luta oferece a possibilidade de todas as forças fazerem alianças táticas, mas agirem de acordo com seus próprios objetivos. Portanto, todos tentam se beneficiar das forças e oportunidades dos outros para alcançar seus próprios objetivos. Diferentes posições políticas e militares fornecem a base para isto.



### **A opção obrigatória dos Estados Unidos**

Porque as intervenções políticas e militares dos EUA na Síria, que foram realizadas no início da crise no Oriente Médio com a ajuda da Turquia e da Arábia Saudita, não deram em nada, isto criou algumas opções. A primeira opção foi deixar a Síria, ou seja, a região. Deixar a Síria e a região é o mesmo que afastar-se da hegemonia mundial. Os EUA não poderiam fazer isso. A segunda opção era investir ainda mais em políticas fracassadas através da Turquia e da Arábia Saudita. Isto não teria tido outras consequências. A terceira opção, por outro lado, era continuar no caminho da construção de relações com uma força nova e bem-sucedida na região. Esta foi quase a única opção convincente para os Estados Unidos. Em vez de repetir sua prática anterior de continuar lutando com a Turquia e a Arábia Saudita contra a força da liberdade vitoriosa, os Estados Unidos viram uma vantagem maior para si mesmos na cooperação com os sucessos alcançados pela resistência. Esta expectativa auto-afirmada é um ardil imperialista. Os EUA estabeleceram muito calculadamente uma relação tática em Kobanê. Começou uma fase com a coalizão internacional para apoiar a resistência das forças do YPG ali. Esta fase foi mais uma fase tática. A luta pela liberdade desenvolvida pelos curdos em Rojava é mais uma luta baseada na liberdade e na igualdade, uma luta socialista e de resistência. Ela busca a irmandade e a

Médio livre com soluções democráticas, o outro lado entrou na relação para expandir e dominar sua própria hegemonia no Oriente Médio. Esta não é apenas uma relação que não depende da outra. É uma relação entre forças que estão em constante conflito umas com as outras.

*P: Não é esta uma situação muito rara historicamente, talvez até pela primeira vez? Existe, então, uma situação em que os interesses dos povos oprimidos e das forças sociais se encontram com os das forças imperialistas e uma reunião tática pode ser criada com eles?*

No Oriente Médio, isto está acontecendo pela primeira vez. Há exemplos disso no mundo. Se olharmos para a história das lutas pela liberdade, podemos dar muitos exemplos. Há também exemplos recentes. Especialmente durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial e a Revolução Soviética, há muitos exemplos. Por exemplo, na luta antifascista durante a Segunda Guerra Mundial entre a União Soviética aliada e os EUA havia linhas de frente comuns contra o fascismo. Como pode a União Soviética ser avaliada agora? Se considerarmos as relações diretas com os EUA ou as relações com o Ocidente lideradas pela Inglaterra, pode-se dizer que a União Soviética colaborou com o imperialismo. Isso seria uma abordagem simplista e dogmática. Há exemplos semelhantes durante a Revolução de outubro. Durante a revolução, houve muitos acordos. Havia acordos econômicos com o capitalismo e os imperialistas e acor-

Em vez de repetir sua prática anterior de continuar a lutar contra a Turquia e a Arábia Saudita contra a força da liberdade vitoriosa, os Estados Unidos viram uma vantagem maior para eles mesmos, cooperando com os sucessos alcançados pela resistência.

unidade do povo. Por outro lado, o imperialismo está levando a cabo uma política de hegemonia no Oriente Médio. Estas duas situações estratégicas e ideológicas muito diferentes no atual Oriente Médio apenas iniciaram uma fase em Kobanê no nível tático. O resultado pode ser visto como uma continuação desta relação tática. Esta relação é muito dolorosa. Enquanto por um lado a luta pela liberdade é uma luta para expandir seu próprio espaço e criar um Oriente

dos políticos. Mas se olharmos para a essência desses acordos, não há negação de socialismo neles. Assim como não podemos ver qualquer negação do socialismo nas relações desenvolvidas por Lênin com diferentes forças capitalistas e imperialistas na época da Revolução de outubro, ou durante a Segunda Guerra Mundial. Pelo contrário, é necessário estabelecer relações e acordos táticos e estratégicos durante a Revolução de outubro. A luta contra o fascismo

durante a Segunda Guerra Mundial também tornou imperativa a construção de uma frente antifascista.

### Existem três linhas principais na região

Pode não haver muitos exemplos disto no Oriente Médio. Esta é a primeira vez que algo assim acontece no Oriente Médio. É uma situação bastante especial. Os conflitos e lutas que ocorrem em todo o mundo são na verdade a Terceira Guerra Mundial. O Oriente Médio é a geografia onde a Terceira Guerra Mundial mais se destaca. Hoje podemos ver muitas coisas novas no Oriente Médio. Podemos ver uma rede muito complicada de relações táticas e estratégicas, cada uma para fortalecer sua própria linha, do ponto de vista dos estados em status quo, do imperialismo internacional e das forças revolucionárias socialistas. Porque a realidade da região é muito complexa. Existem três linhas principais na região. Uma delas é a linha imperialista internacional e as forças ligadas a ela. Ela é representada pelos EUA, Rússia e países da UE. A segunda linha é a das forças regionais do status quo. Eles são representados por forças como a Turquia, o Irã e a Arábia Saudita. A terceira linha é a linha do socialismo, da democracia e da liberdade. É representada pela esquerda e pelos movimentos socialistas, liderados pelo PKK e pelos círculos sociais. Estas três forças fundamentais estão em conflito entre si e as duas primeiras linhas, em particular, têm fortes contradições internas. Consequentemente, essas diferentes linhas podem desenvolver continuamente diferentes relações e alianças, dependendo das contradições e interesses primários. Todos estão em conflito uns com os outros, mas ao mesmo tempo abertos a relacionamentos e alianças. Nossa definição da Terceira Guerra Mundial se baseia nestas realidades. Quando nos movemos de acordo com esta definição da Terceira Guerra Mundial, surgem muitas relações estratégicas e táticas. E muitas forças são forçadas a entrar em relações táticas que podem parecer contraditórias a fim de seguir sua própria estratégia. Isto é verdade para todos. Esta é a essência desta política e da diplomacia. Isto é de se es-



perar. É por isso que pode ser uma abordagem muito superficial e estreita olhar e avaliar apenas a situação política e militar na superfície.

### Esta é uma fase prática

Abordar adequadamente a questão é reconhecer que existe uma crise profunda e estrutural no sistema capitalista mundial. Esta crise está ocorrendo em todo o mundo, mas é mais evidente no Oriente Médio. O atual conflito no Oriente Médio tem tanto uma forma política quanto militar. Uma abordagem ideológica e política não é suficiente. Uma posição organizacional e militar deve ser assumida ao mesmo tempo. Isto significa lutar continuamente contra o que existe, modificando-o, transformando-o e criando algo novo em seu lugar. Esta é uma fase prática. Porque se as questões práticas não forem adequadamente abordadas e a dialética do próprio desenvolvimento não for reconhecida, abordagens dogmáticas podem ser usadas para abrir o caminho para a própria liquidação. Isto pode levar a uma situação em que a linha de liberdade não pode ser expressa de forma alguma. Portanto, este complexo deve ser devidamente compreendido. Deve ser decidido muito claramente contra o que e quando algo deve ser feito. Deve ser feita uma avaliação muito completa de como uma conquista e uma posição conquistada é protegida e utilizada para o estabelecimento e construção do socialismo. Se não vemos as coisas desta maneira, não conseguimos entender a linha de liberdade,



ou a situação das forças do status quo regional ou a do imperialismo internacional. Faríamos a maior injustiça à luta e resistência liderada pela sociedade se misturássemos tudo e déssemos a aparência de uma grande libertação do exterior com apenas abordagens teóricas.

Estas relações são relações táticas, isto é compreensível. A Federação no norte da Síria e as forças de Rojava têm relações tanto com os EUA quanto com a Rússia. É realmente possível entrar em relações políticas, militares e econômicas com esses imperialistas, protegendo a identidade socialista? Nossa luta é uma luta pela liberdade que carrega em sua consciência toda a experiência histórica dos movimentos de libertação passados e age em conformidade. Não podemos ser compreendidos com uma verdadeira visão socialista. Sabemos muito bem da prática do socialismo real que nenhuma luta pela liberdade pode ser travada no caminho do socialismo real, ou seja, dividindo o mundo em diferentes pólos e se posicionando em uma dessas frentes. A situação mundial não é a correta, nem é possível travar uma luta pela liberdade na qual se está abstraído dentro do sistema capitalista global e, portanto, marginalizado. Deve ser abordado de forma holística. Neste ponto, vivemos em um sistema mundial capitalista. Queremos abrir um espaço de liberdade no sistema capitalista global, na luta contra o capitalismo, o imperialismo e o colonialismo. Não temos a possibilidade de nos posicionarmos dentro de uma área livre existente e abrir uma nova área lá. Queremos criar um espaço de liberdade em um mundo escravizado. Mas os espaços que queremos abrir estão nas mãos e sob o controle de outros. Mas existem contradições muito sérias entre os vários círculos políticos e sociais que existem na região. Em nome de nosso ideal socialista, podemos explorar estas contradições e conflitos e assim preparar o caminho a seguir. Não ajuda as forças socialistas a forçar uma polarização de forças ou a se amarrar a um pólo. Se nos aproximássemos da polarização dos assuntos com uma abordagem genuinamente socialista, viraríamos todas as forças imperialistas e colonialistas contra nós de um momento para o outro. Além disso, essas forças não estão inteiras umas com as outras. Há muitas contradições e conflitos entre eles. Não se beneficiar destas contradições e conflitos em nome do ideal socialista seria uma grande perda em termos de

ideologia socialista. Se abordarmos o assunto apenas na forma de distinguir entre socialistas, capitalistas e imperialistas, restam apenas alguns poucos na área que poderíamos chamar de camaradas. É muito difícil liderar esta enorme luta apenas com os camaradas. As coisas que retiramos do sistema capitalista-imperialista, se possível, fortalecem o movimento socialista e enfraquecem o outro lado. Portanto, com uma organização correta e uma luta correta baseada em nossa própria ideologia, nossa abordagem política e nossa linha, devemos continuamente abrir espaços de liberdade. Porque diante de nós estão as forças que governam estas áreas e as forças hegemônicas aliadas ao capitalismo. Devemos abrir um caminho nestas áreas.



*Esta foi uma entrevista publicada no site RojaCiwani, e pode ser lida na íntegra no site:*

**[www.revistalegerin.com/blog](http://www.revistalegerin.com/blog)**





## *Meu caminho como jovem internacionalista até unir-me à luta revolucionária*

O que me levou a tomar esta decisão não é fácil de explicar. Minha vida sempre foi uma mudança constante. Na minha maneira de pensar, de me relacionar e de ver a vida. Tive a sorte de ser criado por uma mãe que soube plantar em mim a consciência social, a importância da moral, da ética e da inteligência emocional. O suficiente para poder ver desde jovem que o mundo não estava certo. Que havia injustiças e desigualdades que não me permitiriam a ilusão de viver pacificamente sem assumir um papel ativo e responsabilidade para mudar essa situação.

Em certo momento de minha vida experimentei com parte de minha família o processo de imigração da América Latina para a Europa. Este momento marcaria minha infância, sendo o ponto a partir do qual, depois de experimentar o racismo e a discriminação, começaria minha busca por um modelo de pensamento que me desse esperança para o futuro. Do qual eu poderia trabalhar para um mundo diferente, no qual viver juntos em harmonia e paz não era um sonho, mas a única realidade concebível.

Em meu processo de busca fui influenciado por múltiplas ideologias, modos de vida e militância, que ao se tornarem significativas para mim, eu adotei em minha consciência, descartando por sua vez o que eu pensava não me orientar para

estes objetivos de liberdade.

Durante esses anos vivenciei a política de múltiplas formas, desde as mais passivas, marginais, dogmáticas e superficiais; passando pela famosa “política de identidade” e lógica do “consumo ético”; até as formas mais estruturadas e militantes de participação política que pude encontrar entre os círculos de pessoas com as quais comecei a me relacionar. Sempre me vi muito mais inclinado às formas de imaginar políticas que partiriam das bases sociais; da horizontalidade, do poder popular e que tentariam tender para as análises mais radicais (não no sentido amarelado usado pelos meios de propaganda do sistema, mas entendendo-o como aquelas análises que procurariam resolver problemas a partir de sua “raiz”). Nesse sentido, nunca fui muito tentado pelas formas de análise posibilista que levam a participar e se perder na armadilha da democracia liberal; ou, por outro lado, pelas estruturas e métodos dos movimentos hierár-



quicos que buscam implantar modelos pré-desenhados de fora e de cima para a sociedade.

### **A influência e a sedução do sistema**

Naturalmente, antes de continuar, sinto-me obrigado a esclarecer que embora esta busca represente a pedra angular que tem guiado minha evolução e as decisões vitais mais importantes que tomei em cada momento de minha curta história, minha vida nem sempre tem sido uma dedicação constante a esta busca. Grande parte dela tem sido uma vida totalmente “normal” (Sujeita à norma). Em incontáveis momentos fui tentado e apanhado pelos encantos do liberalismo. Por suas promessas de sucesso e realização pessoal; pela atração de drogas e sua alienação tentadora e calmante da realidade; pela preguiça e mentalidade de fazer as coisas “por fazer” e de escapar; pela promessa de amor romântico eterno e puro que se torna o sentido da existência; pela vida dedicada à busca constante de estímulos cada vez mais fortes

zes em que meu corpo fraco foi esmagado pelo grande peso da influência do sistema. De sua estrutura monstruosa. E quase me venceu. Mas justamente quando eu mais precisava, sem ver isso chegar, me vi diante da possibilidade de tomar a decisão mais importante e definitiva de minha vida: começar a dedicar o tempo que me resta neste mundo para participar de um verdadeiro movimento revolucionário. E não apenas qualquer movimento. Um movimento que realmente tem a capacidade de transformação de fato. A esperança na verdadeira liberdade. Para mim, este foi o momento em que decidi que minha longa busca iria finalmente encontrar um caminho de verdade (Heqîqat).

Desde o início eu gostaria que tivesse sido assim, mas acabei me acostumando aos ritmos relaxados do cosmopolitismo europeu. Às agendas repetitivas e aos problemas cíclicos. A pequenos grupos com ares e graças. As manifestações e ações simbólicas e o sempre faltou o retorno à casa e à normalidade.

Mas já desde os últimos tempos da minha

**A vida só é vida se vivida em liberdade.  
E só se é livre quando se luta.**

e inovadores; pela tecnologia atraente e sua poderosa capacidade de simular experiências, de proporcionar satisfação imediata e de fazer você se sentir num mundo paralelo ao qual você pode escapar quando o mundo real o permitir.

Tenho sido tentado muitas vezes pela voz sedutora do sistema que nos repete constantemente: “Deixe-se ir”, “Não pense”, “Nada é possível”, “Nada importa”, “Viva o momento”, “Viva para si mesmo”... Aquela doce balada de morte que nos leva a nos tornar sacos de carne sem vontade, sem capacidade de agir para além do que nos é dito para se fazer. Da liberdade que nos é permitida. Uma voz que recita subliminarmente: “Desligue seu coração e estimule demais seu cérebro enquanto você se deixa levar pela corrente deste rio podre esperando sem pensar, o momento em que alcançamos o precipício e nada mais importa”. O momento em que não há mais nada que possa ser feito.

Tenho que admitir que muitas vezes sucumbi a esta vida. Muitas vezes eu desisti e abracei o niilismo e o desespero. Perdi a conta das ve-

vida dentro do sistema eu tinha causado uma grande atração para a análise e propostas teóricas de Abdullah Öcalan. Encontrei tanto encanto em sua abordagem teórica holística (não apenas na política e economia, mas na filosofia e na história), bem como na implementação pelo método organizacional PKK. Talvez se as mesmas teorias e métodos tivessem sido teorizados inicialmente nos Estados Unidos ou em algum país da Europa, eu poderia ter aderido mais cedo. Talvez esse fosse o caso para milhares de outras pessoas. É assim que nossas mentes trabalham, tão profundamente influenciadas pela cultura da globalização e seus estereótipos. Mas houve coincidências históricas de que este movimento não iria começar nos centros mais ativos do colonialismo histórico, mas no Curdistão.

### **Aderência ao movimento revolucionário**

Mas eu não me juntei, apesar do que muitos ainda pensam, ao movimento curdo. Há muito



tempo que não é um movimento totalmente curdo. Ou apenas para a libertação do Curdistão. Entrei para uma organização revolucionária internacional. Que mesmo no próprio Curdistão, bem como agora em todo o Oriente Médio, é assim que se entende. A luta e a organização são realizadas por múltiplos povos. Diferentes etnicidades. Histórias diferentes convergindo para o mesmo caminho de libertação. Não consigo pensar em uma maneira melhor de descrevê-lo.

Desta forma, o paradigma e os métodos revolucionários que Rêber Apo (Abdullah Öcalan) inauguraria representam para o mundo e para a história a possibilidade de construir um caminho revolucionário comum. No qual podemos finalmente ver um mundo e uma vida que vale a pena viver.

### Nosso papel revolucionário

Agora, através da prática revolucionária do PKK, pode-se dizer com total certeza que não há mais apenas uma maneira diferente de entender o mundo. Mas agora sabemos como fazer isso acontecer. Naturalmente, por ego e desconfiança (típicas das atitudes que foram aprendidas com o sistema colonial) haverá muitas pessoas que se recusarão a aceitar este movimento de libertação de nosso mundo e que, de cabeça erguida, dirão a si mesmas que não precisam dele. Que eles possam ficar de pé sozinhos. Mas nosso papel não é o de implorar para que as pessoas entendam. É começar a construir com aquelas pessoas que querem ser um exemplo. Fazer parte deste momento e deste movimento histórico e mostrar pela prática como através da dedicação total à revolução não há outra opção a não ser a vitória. Uma vitória que é necessária agora mais do que nunca e que vamos construir não apenas com nossa vontade de ferro, mas através de uma prática que pode alcançar mais lugares e ser praticada por mais pessoas.

É claro que nós, como todas as pessoas da história que em algum momento estiveram em uma circunstância semelhante, assumimos que estas escolhas vitais nos tornam inimigos muito perigosos daqueles que

querem que a modernidade capitalista seja mantida e que o status quo não seja quebrado. Dos que desejam tanto na superfície como no fundo que nada no mundo mudasse. Desta forma, seremos condenados mil vezes por pessoas alienadas e dependentes do sistema, ao mesmo tempo em que seremos perseguidos, torturados e mortos por seu aparato de repressão e morte. Assim como todas as pessoas que lutaram pela liberdade na história. Mas o que nos leva à vida revolucionária não é porque nosso objetivo é a morte, mas o oposto. Porque amamos tanto a vida que não podemos deixar de querer protegê-la e querer que ela seja livre. A vida só é vida se for vivida em liberdade. E você só está livre se lutar.

É por isso. Chegou a hora de parar o massacre de nosso povo, o esquecimento de nossa história e a destruição de nosso planeta. E por esta razão, para cada pessoa, deve chegar o momento em que ambas as perguntas são feitas, o que já em 68 começou a ser questionado. Essas mesmas duas perguntas que me deram o último empurrão na minha decisão.

**Se não você, quem?**

**Se não agora, quando?**







## Crítica e autocrítica dentro do movimento revolucionário Curdo

A crítica e a autocrítica pertencem aos métodos mais importantes dos partidos revolucionários. Quando utilizados de forma construtiva e científica podem servir como a principal dinâmica dialética dentro do movimento revolucionário. Mas quando é instrumentalizado para o poder e a opressão, a crítica e a autocrítica podem tornar-se extremamente destrutivas para toda a luta. Infelizmente há exemplos negativos em que este método - objetivo - não foi praticado para a libertação da personalidade e para a superação da ideologia e mentalidade do sistema governante, mas para a destruição da personalidade e para a construção de novas relações de poder, como no seio do Partido Comunista da União Soviética, mas também de pequenos grupos dentro da esquerda alemã durante os anos 80. Estes exemplos negativos levaram a uma desconfiança do próprio método e como resultado o seu abandono. O abandono da crítica e da autocrítica como método principal e sistemático da práxis revolucionária, por sua vez, enfraquece tanto a luta ideológica como a prática da organização. Pode não haver outro movimento revolucionário no mundo atual que pratique a crítica e a autocrítica de uma maneira tão produtiva, eficaz e extensiva como o PKK.

O PKK foi fundado em 1978 como uma festa de quadros. Os seus primeiros quadros foram profundamente influenciados pelo marxismo-leninismo. A crítica e a autocrítica têm desempenhado um papel central no movimento revolucionário curdo desde o início. Mas se olharmos para a história do PKK e especialmente para os escritos do seu líder Abdullah Öcalan, vemos que o

foco da crítica e da autocrítica no seio do grupo curdo mudou com o tempo. Öcalan descreve em pormenor este processo no seu Relatório Político ao 5º Congresso do Partido em 1995. Aí salienta que a principal atividade e trabalho do PKK durante os seus primeiros anos foi a crítica ideológica. Este processo já tinha começado em 1973, quando este grupo de estudantes curdos e turcos começou a organizar-se como um grupo ideológico e continuou após a fundação oficial do Partido dos Trabalhadores do Curdistão em 1978, até os anos 80. O grupo em torno de Abdullah Öcalan leu livros e panfletos, pesquisou e discutiu durante horas com o objetivo de fazer uma análise ideológica, política, social e histórica profunda da história da questão curda e da natureza do "inimigo" (principalmente o Estado turco e o sistema imperialista mundial em geral).

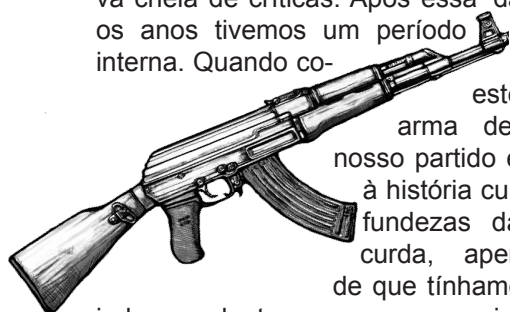
Para eles parecia crucial decifrar primeiro as mentiras do Estado turco colonialista e fascista e recriar a identidade curda, que tinha desaparecido na escuridão da história. As críticas do primeiro período centraram-se na "ideologia social chauvinista" como a ideologia oficial do Estado turco kemalista e as suas máscaras pseudo-socialistas. Öcalan explicou a razão por detrás do enfoque no Estado turco e na sua ideologia da seguinte forma: "É preciso saber bem que a ideologia oficial é uma realidade (mesmo que seja constituída por uma mentira) e que sem a combater ninguém pode abrir o caminho para uma ideia saudável e independente e, portanto, para o nacionalismo libertador. É possível superar na prática o que se supera no pensamento. Embora salientando a importância da teoria crítica,



salientou que a teoria não é nada sem prática: “Revelar a mentira do inimigo. Mas o inimigo não pode ser derrotado apenas pela crítica. O sucesso das críticas não é suficiente. Há uma diferença entre vencer na teoria e vencer na prática. Há muitas organizações burguesas mesquinhas que nem sequer pensam em levar as suas críticas um passo mais longe e pô-las em prática”.

### O começo da luta de guerrilha

Especialmente depois de começar a luta de guerrilha contra o exército turco a 15 de Agosto de 1984, tornou-se cada vez mais claro que o principal obstáculo à vitória não era a força do inimigo, mas “o inimigo interno”, ou seja, a personalidade dos quadros que não revolucionaram. Como resultado, o foco da crítica mudou: “A partir de 1985, o problema da personalidade mostrou-nos que não há outra escolha senão virar a arma da crítica contra nós próprios. (...) A nossa instrução de Novembro de 1985 estava cheia de críticas. Após essa data, todos os anos tivemos um período de crítica interna. Quando co-



meçámos a estender esta arma de crítica ao nosso partido e a partir daí à história curda e às profundezas da sociedade curda, apercebemo-nos de que tínhamos sido alvejados por dentro e que a nossa principal doença estava dentro de nós. Pode revelar o inimigo o quanto quiser, pode deixá-lo acabar por estar errado; mas se não for capaz de iluminar o seu interior apesar de uma linha ideológica e política correcta e de limpar a sujidade de centenas de anos, não será capaz de dar um passo. O facto de a guerrilha se ter enraizado ali em 1985 mostrou-nos isto em todos os seus aspectos. A festa tinha-se desviado, a personalidade não tinha sido ultrapassada, mas sem ultrapassar isto não poderá dar mais um passo. As análises foram desenvolvidas para ultrapassar esta situação e nós continuamos com elas. Esta foi uma crítica muito grande até aos anos 90. Tentámos corrigir-nos a nós próprios. Vejam as nossas análises até à década de 1980; todas elas se concentram no inimigo. Mas desde meados da década de 1980 até hoje, as nossas análises são orientadas para o interior. A crítica dentro do movi-

mento revolucionário curdo sob a liderança do PKK baseia-se na dialética entre o indivíduo e a sociedade, bem como entre o passado e o presente. Não o indivíduo mas a sociedade e não o momento, mas a história é analisada quando é criticada. Quando praticado a nível pessoal, o indivíduo é tratado como um microcosmo de uma realidade social e histórica muito maior.

Neste sentido, o objetivo último do militante revolucionário é “conhecer-se a si mesmo”. Ao desenvolver uma compreensão de si próprio, o militante revela como o colonialismo, a classe, as relações de poder, o patriarcado e o sexismo, o liberalismo, o nacionalismo, o cientificismo, a religião, etc., moldaram a sua personalidade, o seu modo de pensar, de sentir e de agir. Portanto, o verdadeiro processo revolucionário tem lugar em personalidades. Porque a revolução não se trata apenas de libertar um país ou estabelecer um sistema alternativo; trata-se de libertar a vida. A revolução dentro da revolução é sobre quebrar as cadeias do poder no coração e na mente, é sobre superar o sistema dominante com todas as suas expressões. A revolução não tem lugar fora do revolucionário, e o militante não pode desempenhar um papel de liderança na revolução enquanto não se aperceber disso ao mesmo tempo dentro da sua própria personalidade. É também uma questão de evitar a engenharia social, em que o quadro se posiciona acima da sociedade como se ela fosse perfeita e a sociedade tem de mudar. No seu Manifesto de cinco volumes para uma Sociedade Democrática, Abdullah Öcalan examina mais de perto esta crítica e redefine a revolução e o revolucionário, salientando que a revolução não se trata de criar uma nova sociedade mas de lançar as bases para que a sociedade democrática (que já existe e sempre existiu) viva e se organize da sua forma distintiva. Neste sentido, o revolucionário não é aquele que cria uma nova sociedade, mas aquele que lidera o processo de reconstrução de um sistema democrático confederalista.

### Crítica e autocritica como um método de aprendizagem

A crítica e a autocritica é um método de aprendizagem. É uma parte essencial e integral da vida. Mas, ao mesmo tempo, é um instrumento de luta ideológica dentro do movimento. É um dever primordial do revolucionário liderar a luta

de classes e de género. É assim que a camaradagem é entendida. Cada revolucionário tem responsabilidades para com os seus camaradas.

São obrigados a apoiarem-se e reforçarem-se mutuamente através da crítica e da autocrítica. Fechar os olhos às falhas e atitudes erradas do camarada não é visto como um serviço à amizade. Pelo contrário, a camaradagem é construída com base em esforços mútuos para se fortalecerem mutuamente através da exibição de atitudes erradas e características fracas. A camaradagem precisa de abertura. O princípio de abertura e clareza evita os mexericos e cria confiança e confiança. A crítica e a autocrítica precisam de confiança e sinceridade. Sem confiança, a crítica seria mal interpretada como uma forma de prejudicar e ferir a pessoa criticada. Mas o objectivo da crítica como método e ferramenta revolucionária é apoiar o processo de transformação e libertação de si próprio. O militante não caminha sozinho pelo processo de libertação, mas recebe apoio dos seus camaradas e do próprio movimento. Esta é a norma e faz parte da cultura revolucionária. Isto reflete-se nas relações no seio do movimento. Mas também existem estruturas de crítica e autocrítica. A crítica também pode ser expressa a nível pessoal. Tal como a educação, a crítica e a autocrítica são partes essenciais e integrais da vida. Mas como parte de um processo coletivo, a crítica e a autocrítica também têm lugar a nível oficial, tais como teknil, reuniões, educação e conferências. Além disso, escrever um relatório autocrítico é também uma ferramenta importante para reflectir as suas próprias práticas, dificuldades, atitudes e abordagens. O lugar e o instrumento mais oficial para a crítica e a autocrítica é a plataforma. As plataformas podem ser realizadas no final de um período de educação, numa conferência do partido ou em situações especiais, onde a prática de um membro deve ser refletida e analisada a partir de uma perspectiva crítica. Antes da plataforma, os membros têm a oportunidade de expressar as suas reflexões por escrito. O relatório autocrítico reflecte as análises da militante sobre si própria, a sua prática como militante revolucionária, os progressos que fez, os obstáculos que enfrenta para alcançar os seus objectivos, as suas análises de carácter, a sua atitude face à ideologia da libertação da mulher, as suas deficiências, e a sua determinação na luta revolucionária. As reflexões pessoais são apoiadas pelos

camaradas presentes, que após a leitura do relatório autocrítico escrito têm a oportunidade de partilhar as suas críticas e observações sobre o camarada na plataforma. Uma vez que a crítica aqui não visa atacar ou destruir a personalidade do camarada criticado, tanto os aspectos positivos como negativos, fortes e fracos, do seu carácter e prática, são expressos. A plataforma como estrutura coletiva de camaradagem mostra apoio no processo de auto-descoberta porque o objetivo final é alcançar a mais profunda compreensão de si próprio, a fim de se libertar a si próprio. A crítica e a autocrítica são vistas como uma arma principal na luta revolucionária. Mas esta arma não mata, ela transforma-se.

Quem souber usar esta arma poderá melhorar a sua personalidade revolucionária como militante, bem como a luta em geral. Além disso, esta arma assegura uma luta ideológica constante em todas as partes da vida. Como instrumento, assegura que os camaradas se abram uns aos outros e que as dificuldades sejam resolvidas da forma mais produtiva e coletiva

### **Para o movimento revolucionário curdo, a crítica é um método de aprendizagem**

Por um lado, é um método de exposição de todo o sistema de poder e exploração, opressão e escravatura. Mas a crítica não consiste apenas em analisar e compreender o que existe. Só com o poder da crítica é que o novo pode ser fundado. A forma de criar o novo reside no terreno da discussão crítica. É por isso que o próprio socialismo é a ideologia mais crítica. Dentro do PKK, tudo começa com uma discussão crítica. Tudo é exposto pela primeira vez na mente. Isto significa que existe uma ligação indissolúvel entre a crítica e o pensamento ou concepção. Esta ligação está numa relação dialéctica com a prática. O progresso na prática depende da crítica. Através da crítica, o caminho para o progresso pode ser iluminado. As dificuldades que surgem na prática são resolvidas através da crítica. Isso significa que a crítica é também um método para resolver problemas e ultrapassar dificuldades.

A realidade de PKK pode ser definida como a dialéctica de confrontar os próprios defeitos. É por isso que o PKK é um movimento autocrítico.





## *A resistência anticolonial e a importância do paradigma do PKK*

O contexto na América Latina e na África é muito semelhante, em muitos aspectos, ao contexto do Oriente Médio. Estas semelhanças existem devido à exploração desumana dos Estados-nação europeus em seu período de expansão colonialista e imperialista. Desde o início da “descoberta” dos continentes africano e americano, os povos originais têm sofrido com a intervenção externa dos Estados capitalistas e seus interesses econômicos, motivados pelas aspirações monopolistas. Devido ao processo de extermínio e assimilação realizado em ambos os continentes, as consequências deste período horrível podem ser vistas até hoje. Não surpreendentemente, desde o início da ocupação do território, os povos nativos ofereceram grande resistência à mentalidade “civilizada” e à sua compreensão capitalista do “progresso”. Esta foi uma das razões pelas quais os colonizadores cometeram vários genocídios (físicos e culturais). As culturas encontradas no território eram diversas, desde as estruturas estatais do Império Asteca até o Reino do Benin, hoje Nigéria. Dezenas de estados já organizados foram submetidos à dominação colonial através da força, extermínio e genocídio. Entre eles, o Império Luba, o Império Lunda, o Reino do Cazembe, o Reino do Congo, o Império Inca e a Civilização Maia. Além dos grandes impérios que existiam (alguns com mais de 4 mil anos de

existência), milhares de tribos viviam nesses territórios e se organizavam de diferentes maneiras.

Entretanto, é comum encontrar tribos que viviam comunalmente, como no caso do Brasil. Existiam cerca de 300 grupos étnicos e 270 línguas diferentes, a maioria das tribos sobrevivia da agricultura de subsistência, não havia uma forma centralizada de poder, a economia era baseada no intercâmbio e na divisão equitativa do excedente, a religião não era dogmática ou monoteísta, a educação das crianças era responsabilidade da comunidade, o tempo não era entendido como linear e o animismo era comum a quase todas as tribos. No continente africano, a organização tribal era a forma comum de administrar as sociedades existentes e muitas estavam sujeitas aos grandes impérios da região, (já mencionados acima) muito semelhante ao processo de dominação dos impérios que existiram na região do Oriente Médio ao longo da história (sumério, babilônico, assírio, persa, otomano, etc.). Entretanto, o multiculturalismo e a diversidade dessas tribos e etnias permaneceram presentes dentro dessas sociedades e muitas ainda sobrevivem ao processo de assimilação nos dias de hoje. Não é difícil encontrar semelhanças entre essas formas de organização e as sociedades que habitavam a Mesopotâmia no período Neolítico, a diferença é que em vez de uma cidade-estado ser o colo-



nizador, no caso da África e da América Latina, os estados-nação eram os colonizadores com sua mentalidade capitalista e ultra-nacionalista.

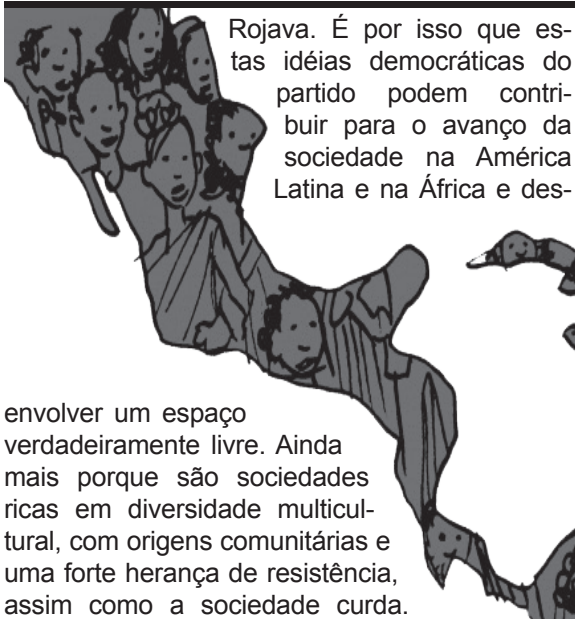
Embora tenham conseguido conquistar sua independência dos estados colonizadores, alguns antes de outros, hoje estes países enfrentam inúmeros problemas em ambos os continentes. Entre eles, pobreza extrema, desigualdade social, dependência econômica, violência, neocolonialismo, etc. Embora estes processos tenham ocorrido de diferentes formas, podemos encontrar algumas semelhanças entre eles e tentar entender por que estas sociedades estão na situação atual. Um dos pontos que podemos analisar é a formação dos estados nacionais como sua solução para a libertação nacional, aqui podemos observar um paralelismo entre a questão curda e o entendimento de Rêber Apo sobre o estado nacional. No período inicial do partido e do movimento de libertação curda, a idéia de criar um estado curdo para defender os interesses do povo curdo era vista como uma possibilidade de obter condições de vida dignas. Uma vez que o povo curdo teve negado seus próprios direitos de existência. Sua língua, cultura, tradição, organização social, são proibidas. Eles foram criminalizados por serem quem são, em seu próprio território - divididos entre Turquia, Síria, Iraque e Irã. Isto nos faz lembrar um ditado zapatista: "Para sermos vistos, cobrimos nossos

rostos; para sermos nomeados, negamos-lhes nossos nomes; apostamos no presente, para termos um futuro... e para viver, morremos". Mais uma vez, as semelhanças da forma sistemática e desumana do capitalismo se tornam evidentes. No Curdistão, em Chiapas ou em Wallmapu, este sistema escraviza e mata tudo e todos que se atrevem a pensar diferente.

Entretanto, com o tempo e um processo de análise profunda do partido, por meio de críticas e autocríticas, a idéia do Estado-nação foi reconsiderada. O Estado é incapaz de oferecer vida em uma sociedade livre, uma vez que sua formação está diretamente relacionada a um processo de assimilação, autoritarismo, subjugação da diversidade, nacionalismo e especialmente patriarcado. Como tal, ele é o principal perpetrador da mentalidade que escraviza e explora as pessoas. Mesmo alguns movimentos independentistas que tinham um ideal progressista, como o Haiti em 1804 (foi o primeiro país latino-americano a declarar independência e o primeiro a acabar com a escravidão), não puderam escapar à exploração imperialista e submeter-se aos interesses externos de outros Estados para que pudesse ser reconhecido como nação por outros Estados e existir como um Estado-nação. Não é possível ser livre enquanto estiver organizado como um estado nacional, é necessário construir uma alternativa ao estado e sua mentalidade. Esta alternativa é a reorganização da sociedade em torno da sociedade política e moral (ahlaq), isto pode ser observado inicialmente no socialismo primitivo

nas sociedades do período neolítico. Desta análise, emerge o confederalismo democrático, o paradigma de Rebêr Apo expresso e implementado pelo movimento de libertação do Curdistão em todas as suas dimensões, desde as montanhas Bakur até a revolução





Rojava. É por isso que estas idéias democráticas do partido podem contribuir para o avanço da sociedade na América Latina e na África e des-

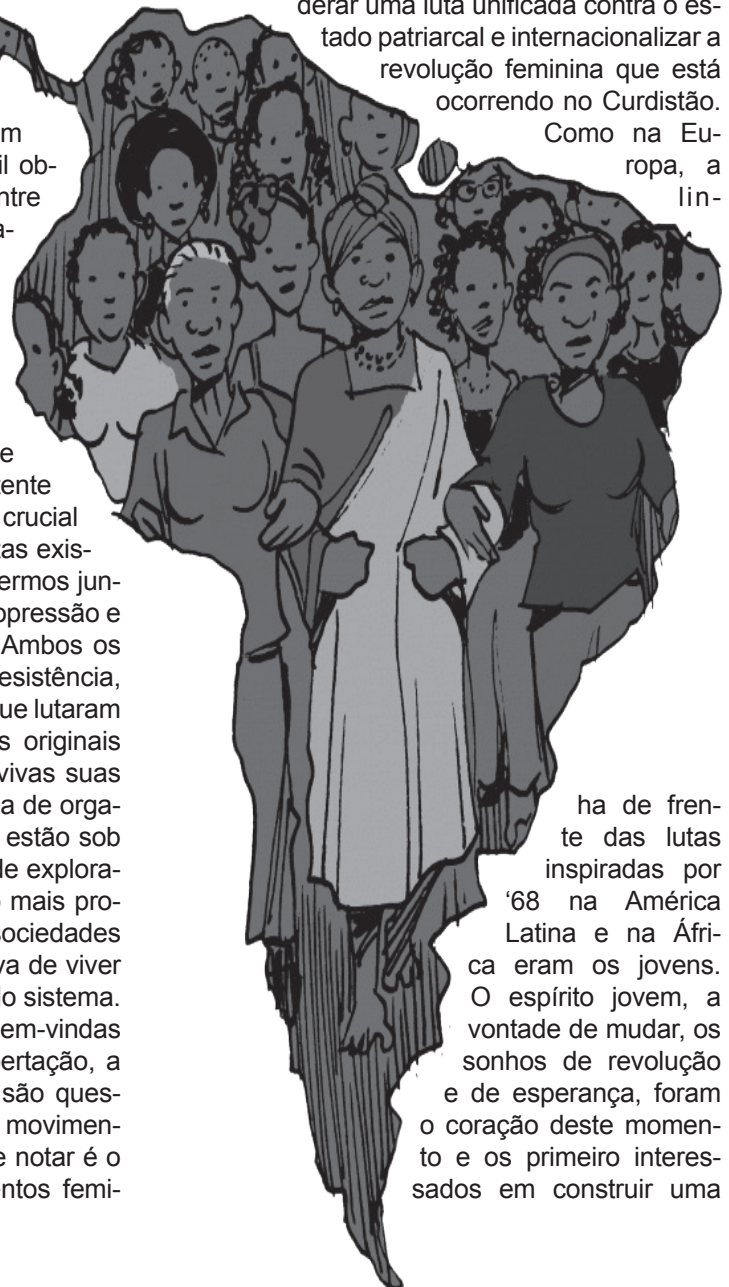
envolver um espaço verdadeiramente livre. Ainda mais porque são sociedades ricas em diversidade multicultural, com origens comunitárias e uma forte herança de resistência, assim como a sociedade curda.

Desde a reorganização do partido em torno do novo paradigma, não é difícil observar e notar estas semelhanças entre curdos, latinos e africanos. Todos passaram por um processo de colonização extremamente violento, tiveram (e ainda têm) seus territórios ocupados e explorados, têm sérios problemas relacionados à mentalidade patriarcal. Entretanto, as idéias de Rêber Apo não são tão conhecidas na América Latina e na África, devido à pequena ou inexistente comunidade curda nesses lugares. É crucial que tentemos nos conectar com as lutas existentes nestas sociedades e desenvolvermos juntos as alternativas para viver livres da opressão e da escravidão do sistema capitalista. Ambos os continentes têm muitas histórias de resistência, movimentos anti-coloniais, guerrilhas que lutaram pela libertação nacional e sociedades originais que ainda resistem e tentam manter vivas suas crenças, seu modo de vida e sua forma de organização. Até hoje, estas comunidades estão sob ataque do Estado e de sua mentalidade exploradora. É crucial construir uma conexão mais profunda com as lutas existentes nestas sociedades e desenvolver em conjunto a alternativa de viver livremente da opressão e escravidão do sistema.

Estas idéias seriam certamente bem-vindas pelo povo latino e africano, pois a libertação, a ecologia e a liberdade das mulheres são questões que já estão sendo tratadas pelos movimentos existentes. Um exemplo fácil de se notar é o crescente fortalecimento dos movimentos femi-

nistas em ambos os continentes, como pode ser visto no Chile, México, Argentina, África do Sul, etc. No entanto, por mais que possam mobilizar milhões de mulheres nas ruas e tenham conseguido algumas melhorias ao longo da história, elas ainda se encontram acorrentadas ao sistema patriarcal e infelizmente vêem dezenas de mulheres sendo mortas todos os dias por este sistema abominável. Não é por acaso que estes movimentos conhecem bem o Movimento de Mulheres Curdas e, sem dúvida, a partir desta consciência, poderiam ser criadas relações mais frutíferas de unidade, ajuda mútua, bases de solidariedade internacional, etc. Estes seriam os primeiros passos para liderar uma luta unificada contra o estado patriarcal e internacionalizar a revolução feminina que está ocorrendo no Curdistão.

Como na Europa, a lin-



ha de frente das lutas inspiradas por '68 na América Latina e na África eram os jovens. O espírito jovem, a vontade de mudar, os sonhos de revolução e de esperança, foram o coração deste momento e os primeiros interessados em construir uma



alternativa. Mas faltava-lhes uma compreensão da mentalidade do sistema capitalista como um todo, além do mercantilismo. Portanto, mesmo tendo ações e atitudes bem intencionadas, não foi o suficiente para quebrar o ciclo do sistema e criar uma alternativa real. Este foi o “erro” que o partido entendeu, para que pudéssemos aprender com isto e os jovens pudessem redirecionar toda sua força de espírito para a revolução. Em muitos pontos, os jovens ocuparam um espaço crucial na luta contra o sistema capitalista. Entre elas, a mais recente foi conhecida como a Primavera dos Estudantes, onde milhares de escolas foram ocupadas por estudantes do Chile, Brasil, Argentina, África do Sul, Angola e alguns outros países, lutando por melhores condições educacionais, uma tabela curricular focada em suas capacidades humanas e sociais, o que é totalmente oposto à lógica comercial estabelecida em nossa vida diária. O espírito jovem pôde ser notado em cada ação realizada pelos estudantes, desde as reformas feitas nas escolas públicas abandonadas do Estado até a resistência física nas ruas durante as mobilizações onde a polícia usou todos seu aparato para atacá-los. Este espírito está presente na juventude até o momento. Não é por acaso que aqueles que iniciaram esta gigantesca mobilização no Chile, e que têm ocupado as ruas até agora, foram os jovens (a maioria deles eram mulheres de 15 a 18 anos de idade). Mais uma vez é evidente que há uma necessidade de propostas e projetos de longo prazo, bem como um paradigma, caso contrário, estes movimentos terão o mesmo fim que os de 68. Mais uma vez, podemos ver claramente as chamadas da esperança. A esperança de construir uma verdadeira alternativa democrática.

Desde 2008, com as prolongadas crises financeiras, todas as relações já estabelecidas entre capitalismo, liberalismo, sexismo e conservado-

rismo se aprofundaram e se polarizaram. Consequentemente, há uma necessidade mais urgente de compreender a luta de forma mais profunda e aprender com outras experiências, especialmente as teorias e práticas do movimento curdo nos últimos 42 anos, influenciado por milhares de anos de resistência histórica em defesa da sociedade livre e comunitária. O confederalismo democrático oferece uma forma de organizar estas sociedades, respeitando suas características e multiculturalismo... É cada vez mais claro que as idéias da Rêber Apo, embora desenvolvidas dentro da sociedade curda, podem ser aplicadas a outras sociedades por causa de seu universalismo, seu reconhecimento da existência de diferenças na sociedade, a importância da libertação da mulher (sem ela, é impossível superar o estado e o sistema atual), a negação de idéias dogmáticas e a criação de uma personalidade revolucionária focalizada em sua moral e ética. Uma forma de visualizar a veracidade disto é, por exemplo, a participação de hevals (amigos) internacionalistas no partido e a troca de experiências que isto cria dentro do partido. Esta é uma das belas faces do movimento, a forma como todos têm espaço e voz dentro do partido, na luta pela liberdade humana. As características naturais do povo latino e africano, tais como a alegria, camaradagem, festividade e uma chama interna que clama por mudança na sociedade, seriam mais do que bem-vindas pela compreensão de Rebêr Apo e complementariam com mais cores, o arco-íris que é a luta curda. Pessoas de todos os continentes e de todos os cantos do mundo trabalhando juntas, comunitariamente, para construir uma verdadeira alternativa ao sistema capitalista.







## A voz dos Şehîds

O Şehids do nosso movimento tem uma importância especial nas nossas memórias e na nossa luta diária. Aqueles que deram as suas vidas pelos princípios ideológicos do movimento (isto é, a libertação das mulheres, dos povos, da ecologia e da modernidade democrática) ganharam todo o nosso respeito e muito mais. O seu empenho na luta, a sua capacidade de dar tudo pelos outros, de não guardarem nada para si próprios, nos inspira. Num mundo governado por mentalidades egoístas e individualistas, o curso das suas vidas alimenta o fogo da resistência em nós. A nossa melhor homenagem, continuar a luta, continuar a sua luta. A marcha

da história traz inexoravelmente a sua quota-parte de acontecimentos, lutas e resistência. Perante o desenvolvimento da história, alguns escolhem a estratégia da avestruz, outros fogem da realidade. Optamos pela participação, pela acção. É a passividade do povo que permite aos ditadores construir os seus impérios.

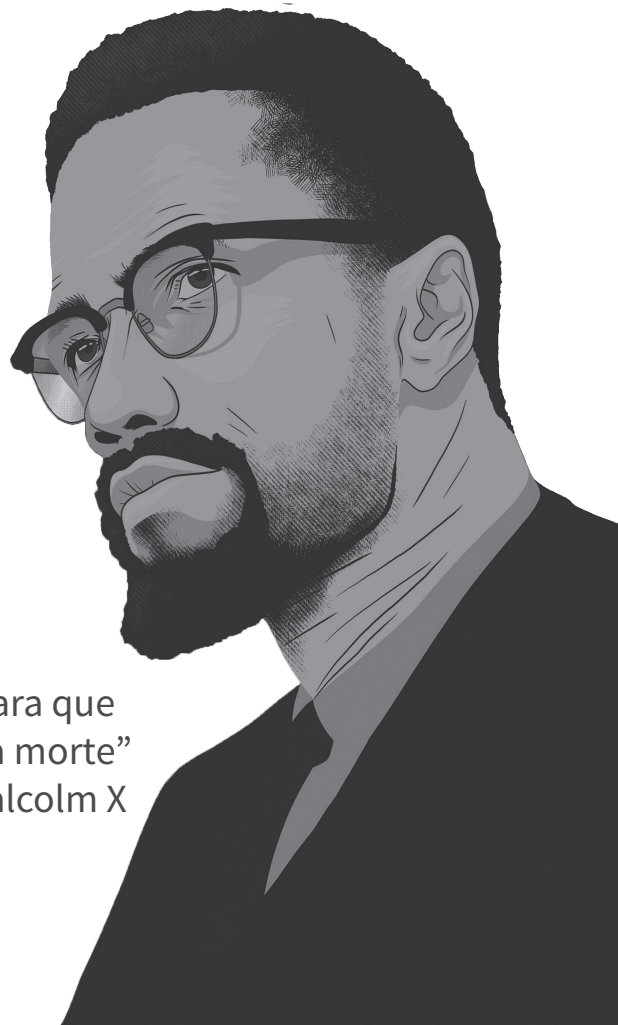
**E a nossa geração? Quem são os colaboradores? Quem são os combatentes da resistência? Que batalhas temos de travar?**

Esta é a opacidade de que Frantz Fanon fala. No entanto, encontramos um elemento de resposta na vida de luta e resistência dos nossos guin-

chos. Abrem-nos um caminho, mostrem-nos um exemplo a seguir. Não se trata de glorificar as suas mortes, mas de celebrar as suas vidas. Trata-se de compreender e ser inspirado pelas suas lutas. Tiramos das suas vidas os exemplos para nos salvar da passividade em que o sistema nos quer manter. As suas vidas são esperanças de liberdade para toda a humanidade. Na história do nosso movimento, mulheres e homens optaram por quebrar as correntes que lhes foram impostas pelo sistema. Por esta corajosa decisão, alguns caíram vítimas da violência e do terrorismo de Estado. Esquecer as suas mortes, esquecer as suas vidas, seria matá-los uma segunda vez, oferecer uma vitória definitiva aos nossos inimigos políticos. Na Europa, e em particular em França, existem muitos problemas políticos. E as suas ligações com os problemas do Médio Oriente são por vezes problemáticas. No entanto, os ataques que o povo francês sofreu dentro de si durante os ataques do Estado islâmico demonstraram estas ligações. Enquanto os fascistas religiosos colaboravam com os fascistas locais para obter armas e planejar massacres sangrentos. Os anti-fascistas e combatentes da resistência franceses planearam as suas viagens a Rojava para combater o despotismo do Daesh e construir a revolução social em curso no nordeste da Síria. Enquanto os Zemours e os Fourests explodiram o ódio das comunidades minoritárias

(a fim de venderem os seus livros ou filmes de má qualidade), feministas e muçulmanas de todo o mundo partiram para o Curdistão sírio. Enquanto os artistas aproveitavam a excitação dos ataques para venderem os seus álbuns e afirmarem ser os poetas da vitimização, tanto jovens como velhos estavam a reunir a coragem para se juntarem à linha da frente, hospitais ou escolas da jovem democracia síria. Enquanto políticos sem vergonha apelavam mais uma vez à passividade “resistindo dos terraços dos cafés parisienses”. Sehid Gabar, Sehid Sahin e Sehid Kendal tombavam sob as balas do Estado islâmico. Aqueles que saíram do anonimato que lhes foi imposto pelas suas decisões e compromissos. Celebramos aqueles que tombaram para não esquecer, mas atrás de todos aqueles que deram as suas vidas estão aqueles que regressaram, aqueles que ficaram, aqueles que continuam as suas tarefas revolucionárias. Perante a realidade colonialista, patriarcal e capitalista da Europa, sentimo-nos próximos daqueles que escolheram lutar, por vezes com armas na mão, pelo internacionalismo, pelo feminismo radical e pelo socialismo revolucionário. No Ocidente, a observação angustiante dos chamados grupos revolucionários escondidos atrás de estilos de vida e discursos sem sentido e sectários não nos fornece quaisquer exemplos concretos para uma luta revolucionária vitoriosa. Os Sehides do nosso movimento

tiveram a “coragem de amar a vida ao ponto de estarem em paz com o seu próprio fim, a coragem de ir ao encontro do ideal de compreender a realidade e agir em conformidade”. Isto é o que nos inspira, isto é o que comemoramos. Aprendamos com eles, com as suas decisões, com as suas viagens, com os seus compromissos. Sentimo-nos próximos das suas lutas, sentimo-nos próximos das suas vidas. Sentimo-nos ainda mais próximos deles porque caíram para defender os nossos direitos.



“Por vezes o preço que tem de pagar para que os outros respeitem os seus direitos é a morte”  
- Malcolm X



*Shhid Namirin, mártires  
são imortais.*







## Modernidad democrática: A era da revolução das mulheres

Por Abdullah Ocalan

**A** liberdade da mulher desempenhará um papel estabilizador e igualador na formação da nova civilização e tomará seu lugar em condições respeitáveis, livres e igualitárias. Para isso, deve-se realizar um trabalho teórico, programático, organizativo e de implementação. A realidade da mulher é um fenômeno mais concreto e analisável que conceitos como “proletariado” e “nação oprimida”. A medida que a sociedade é capaz de uma transformação completa é determinada pelo alcance da transformação obtida pelas mulheres. Do mesmo modo, o nível de liberdade e igualdade da mulher determina a liberdade e a igualdade de todos os setores da sociedade. Portanto, a democratização da mulher é decisiva para estabelecer de forma permanente a democracia e o laicismo. Para uma nação democrática, a liberdade da mulher também é de grande importância, já que a mulher libertada constitui uma sociedade libertada. A sociedade libertada, por sua vez, constitui uma nação democrática. Ademais, a necessidade de reverter o papel do homem é de revolucionária

importância. O alvorecer da era da civilização democrática representa não só o renascimento dos povos, senão talvez mais especialmente o ressurgimento da mulher. A mulher, que foi a deusa criadora da sociedade neolítica, tem perdido seu papel ao longo da história da sociedade de classes. Inverter esta história inevitavelmente trará consequências sociais mais profundas.

A mulher, renascida para a liberdade, contribuirá para a libertação geral, a iluminação e a justiça nas instituições sociais em todos os níveis. Isso convencerá a todos que a paz, não a guerra, é mais valiosa e deve ser exaltada. O êxito da mulher é o êxito da sociedade e do indivíduo em todos os níveis. O século XXI deve ser a era do despertar, a era da mulher livre e emancipada. Isso é mais importante que a libertação de classe ou nacional. A era da civilização democrática se estabelecerá quando a mulher se levantar e triunfar plenamente. É realista ver nosso século como o século em que a vontade da mulher livre se fará realidade. Por isso, é preciso estabelecer instituições permanentes

para a mulher e manter-las durante talvez todo um século. É necessário constituir Partidos da Liberdade das Mulheres. Também é vital que se estabeleçam comunas ideológicas, políticas e econômicas baseadas na liberdade da mulher.

As mulheres em geral, mas principalmente as mulheres do Oriente Médio, são a força mais enérgica e ativa da sociedade democrática, devido às circunstâncias expostas anteriormente. A vitória final da sociedade democrática só é possível com a mulher.

Os povos e as mulheres foram devastados pela sociedade de classes desde o período neolítico. Agora, como agentes fundamentais do avanço democrático, não apenas se vingarão da história, mas também formarão a antítese requerida ao posicionarem-se à esquerda da civilização democrática em ascensão.

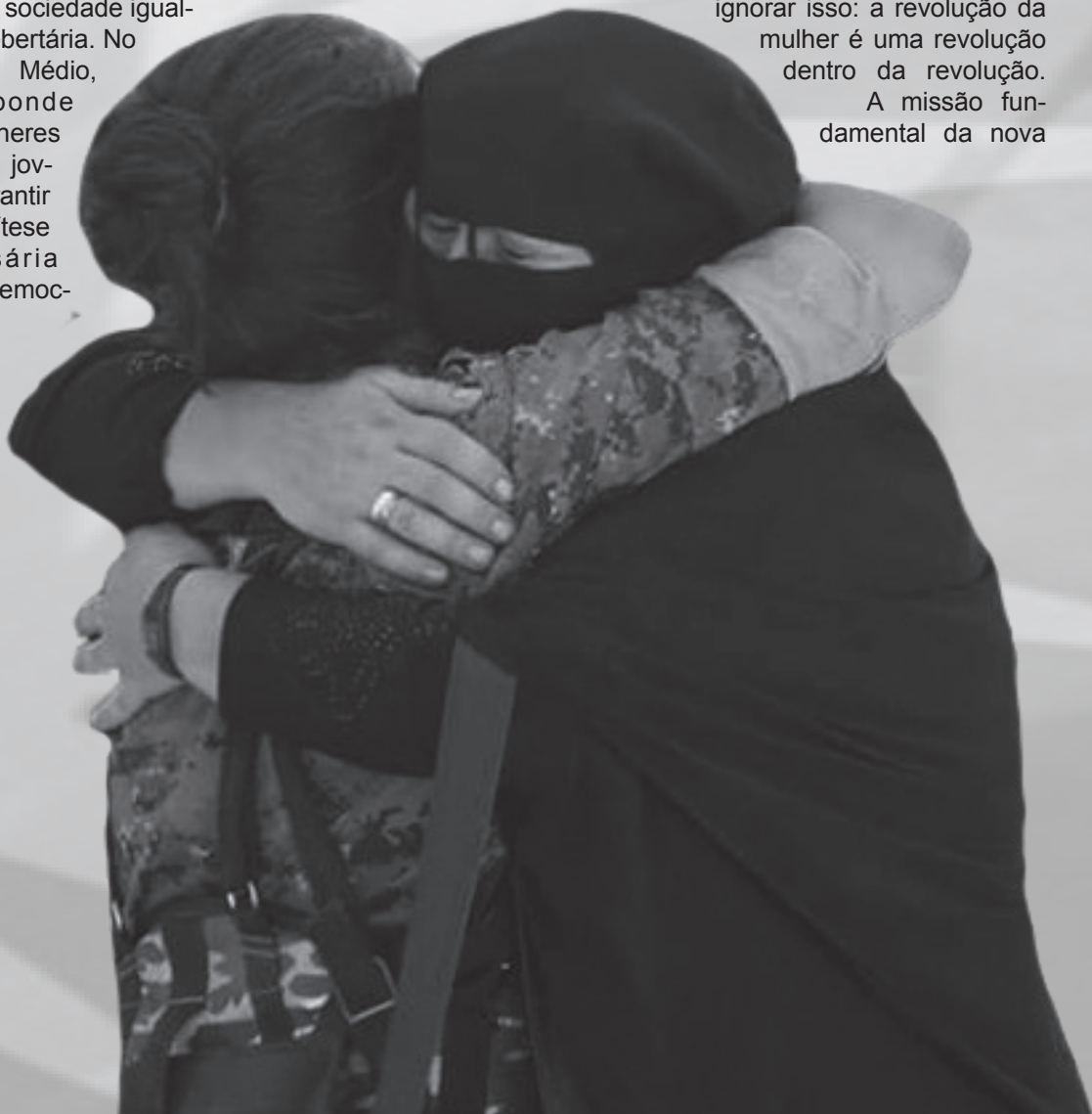
As mulheres são realmente os agentes sociais em quem mais podemos confiar no caminho até uma sociedade igualitária e libertária. No Oriente Médio, corresponde às mulheres e aos jovens garantir a antítese necessária para a democ-

ratização da sociedade. O despertar da mulher, sendo a principal força social nesse contexto histórico, tem um verdadeiro valor antitético.

Devido às características de classe das civilizações, seu desenvolvimento se baseou na dominação masculina. Isso é o que coloca a mulher nesta posição de antítese. De fato, sua posição adquire o valor de uma nova síntese em termos de superar as divisões de classe da sociedade e a supremacia masculina. Portanto, a posição de liderança dos movimentos de mulheres na democratização da sociedade do Oriente Médio tem características históricas que fazem com que seja tanto uma antítese (por encontrar-se no Oriente Médio) como uma síntese (desde a perspectiva global). Esta área de trabalho é a tarefa mais crucial que assumi. Creio que deveria ter prioridade sobre a libertação dos territórios e do trabalho. Se serei um

lutador pela liberdade não posso ignorar isso: a revolução da mulher é uma revolução dentro da revolução.

A missão fundamental da nova





liderança é proporcionar a capacidade intelectual e a disposição necessárias para alcançar os três aspectos cruciais para a consecução de um sistema de modernidade democrática: uma sociedade que seja democrática, ademais de econômica e ecologicamente moral. Para consegui-lo, necessitamos construir um número suficiente de estruturas acadêmicas de qualidade adequada. Não é suficiente simplesmente criticar o mundo acadêmico da modernidade, mas temos que desenvolver uma alternativa. Estas unidades acadêmicas alternativas devem construir-se de acordo com as prioridades e as necessidades de todas as áreas sociais, como a economia e a tecnologia, a ecologia e a agricultura, a política democrática, a segurança e a defesa, a cultura, a história, a ciência e a filosofia, a religião e a arte. Sem um quadro acadêmico sólido não se podem construir os elementos da sociedade democrática. Os quadros acadêmicos e os elementos da modernidade democrática são igualmente importantes para alcançar o êxito. A inter-relação é imprescindível para alcançar o significado e o êxito.

A luta pela liberdade (não apenas das mulheres, mas de todas as etnias e diferentes setores da comunidade) é tão antiga como a história da escravização e da exploração da humanidade. O anseio por liberdade é intrínseco à natureza humana. Aprendemos muito a partir destas lutas e também das que temos realizado durante os últimos 40 anos. A sociedade democrática tem existido junto a

diferentes sistemas de civilização dominante.

A modernidade democrática, sistema alternativo à modernidade capitalista, é possível através de uma transformação radical de nossa mentalidade e de mudanças

correspondentes, radicais e apropriadas em nossa realidade material. Devemos construir juntas/os estas mudanças.

Finalmente, gostaria de sinalizar que a luta pela liberdade das mulheres deve realizar-se mediante a constituição de seus próprios partidos políticos, alcançando um movimento popular de mulheres, construindo suas próprias organizações não-governamentais e estruturas políticas democráticas. Tudo isso deve ser levado a cabo de forma conjunta, simultaneamente. Quanto

mais capazes sejam as mulheres de escapar da dominação masculina e da sociedade, melhor poderão atuar e

viver de acordo com sua iniciativa de independência. Quanto mais se empo-

derem as mulheres, mais recuperarão sua personalidade e identidade livres.

Portanto, dar apoio à ira das mulheres, ao movimento de conhecimento e de libertação, é a melhor demonstração de camaradagem e um valor humanitário. Tenho plena confiança de que as mulheres, todas aquelas que foram excluídas pelo sistema, independente de suas diferentes culturas e etnias, terão êxito. O século XXI será o século da libertação das mulheres. Espero fazer minhas próprias contribuições, não apenas escrevendo sobre estes temas, mas também ajudando a implementar as mudanças.



# MIKA ETCHEBÉHÈRE, REVOLUCIONÁRIA ARGENTINA NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA



**M**ika Etchebéhère nasceu na Argentina em 14 de março de 1902, de uma família judaica que havia fugido das perseguições da Rússia czarista. Ela deu seus primeiros passos na política quando tinha 14 anos de idade no grupo anarquista da cidade de Rosário. Alguns anos depois, ela fundou, junto com outras militantes anarquistas, o grupo feminista Louise Michel. Em 1920, na Universidade de Buenos Aires, ela conheceu o homem que se tornaria o amor de sua vida, Hippolyte Etchebéhère, cujo coração, como o de Mika, batia com fervor revolucionário. Influenciados pela revolução russa, em 1924 aderiram ao Partido Comunista da Argentina (PCA), do qual foram expulsos dois anos mais tarde por suas posições “anarquistas”.

Mika e Hipo, como ela o chamava, decidiram em conjunto não ter filhos, pois não queriam colocar obstáculos no caminho revolucionário que haviam prometido seguir. Eles viajaram para a Patagônia, onde passaram quatro anos coletando testemunhos dos massacres dos trabalhadores rurais cometidos pelo governo argentino, e trabalhando como dentistas (tinham estudado odontologia) a fim de acumular o dinheiro necessário para viajar para a Europa, onde tudo apontava para a realização da revolução. A vida que

eles passaram juntos, cercados pela beleza da Patagônia, estava prestes a alcançá-los, mas, como disse Mika, “tínhamos imposto a nós mesmos outro destino; o de lutar pela revolução”. Assim, em 1932, eles se estabeleceram em Berlim. Em Berlim, eles decidiram se matricular na escola marxista do Partido Comunista para aprender alemão e assim poder se aproximar dos trabalhadores. A partir desses anos, Mika conta como os trabalhadores na Alemanha estavam realmente preparados, armados e organizados para realizar a luta revolucionária, mas as diretrizes do Partido funcionaram como um freio, e a revolução esperada não foi realizada.

## A Guerra Civil Espanhola

Com a ascensão de Hitler, eles foram para a França e se estabeleceram em Paris. A tuberculose que Hipo vinha carregando há vários anos piorou e ele foi hospitalizado. Neste momento, ele e Mika decidiram se casar porque era a única maneira que ela podia ir visitá-lo no centro de saúde. Eles acompanharam de perto os acontecimentos nas Astúrias em 1934 e quiseram participar, mas rapidamente viram como o Governo da República reprimiu a revolta, por isso



permaneceram na França. Em 1936, o médico recomendou que Hipo fosse a algum lugar onde o clima fosse melhor para sua tuberculose, de modo que no mesmo ano ele foi a Madri, com a vontade de escrever um livro sobre os acontecimentos de 1934. Alguns meses depois, em julho de 1936, Mika foi a Madri para se encontrar com Hipo e ficar com ele. Poucos dias após a chegada de Mika, em 19 de julho, o fracassado golpe de Estado militar deu início à Guerra Civil Espanhola e à conhecida Revolução de 1936. Mika e Hipo não hesitaram, encontraram sua tão procurada revolução, e rapidamente

como se sentiu durante este tempo: “Entre estes estranhos que aceitaram o que eu aceitei, e que eu estou apenas começando a conhecer, eu me sinto em meu lugar como em nenhum outro lugar, protegido e protetor, livre porque estou amarrada por laços que eu queria”.

Depois de conseguir escapar do cerco da Catedral de Sigüenza, no final de outubro ele retornou a Paris. “Viver? Quer viver sem ele? Depois da guerra, no mundo antes de sua morte? Em um mundo sem trincheiras, sem bombardeios aéreos? Você sabe melhor do que isso. E de repente eu penso no olhar que ele me dava, em



sua boca meio sorridente, meio séria, dizendo: “Nós sabemos tudo isso desde os 18 anos”. Nós escolhemos a luta, a luta e a morte”. Depois de dizer a si mesma que a única maneira de aceitar e lidar com a morte de Hipo era continuar a luta que haviam iniciado juntos, ela retornou a Madri no início de novembro. “Vou ficar aqui porque pertenço a esta guerra”.

Participou da defesa de Madri com sua companhia de milicianos, indo de trincheira em trincheira durante os ataques, levando

se juntaram ao POUM como voluntários. Hipo, devido à sua determinação militante e ao conhecimento militar que tinha, uma vez que ele mesmo havia se treinado para a revolução, foi escolhido como comandante da Coluna Motorizada. Mika, membro da mesma coluna, estava especialmente encarregado da limpeza, da organização do kit de primeiros socorros, de escrever para as famílias daqueles que não podiam escrever e de evitar brigas entre milicianos.

Em 16 de agosto do mesmo ano, Hipo foi morto em combate. Mika tomou seu lugar, chegando ao posto de capitã, apelido com o qual ficou conhecida como a única mulher internacionalista com este posto na Espanha; “La Capitana”. Sem ter ainda conseguido lamentar a perda de Hipo, eles participaram da defesa de Sigüenza, onde ficaram presos resistindo da Catedral. Mika expressou da seguinte forma

xarope para tosse a seus combatentes e certificando-se de que eles tivessem boas pelagens. Ele desenvolveu relações com as milícias com base no respeito, confiança e admiração. Em 1937 ela foi presa pelo Partido Comunista e interrogada pelos trotskistas em um Cheka. O anarquista Cipriano Mera obteve sua liberação. Ela se juntou a Mujeres Libres e lutou na frente até junho de 1938, quando as mulheres foram enviadas para a retaguarda, onde participou de cursos de alfabetização e tarefas de treinamento em um hospital do CNT em Madri. Ela continuou a participar das atividades de Mujeres Libres até o outono de Madri, em março de 1939, após o que retornou a Paris.

### **A Segunda Guerra Mundial e o período pós-guerra**

Durante a Segunda Guerra Mundial, devido a sua origem judaica e seu status de militante de esquerda, ele retornou à Argentina, onde permaneceu até o final da guerra, após o que retornou a Paris. Aos 66 anos, participou ativamente em maio de 1968, montando barricadas e ensinando as meninas mais novas a cobrir as mãos com luvas para não serem descobertas pela polícia. Ela também organizou e participou das mobilizações em Paris contra as ditaduras na América Latina. Ela morreu em 7 de julho de 1992, com a idade de 90 anos, e suas cinzas se tornaram água do rio Sena.

no raciocínio tático, mas na dialética entre inteligência analítica e inteligência emocional, a partir da camaradagem e do amor por seus camaradas e pela revolução. Representa também a personalidade de uma mulher livre e revolucionária, em constante busca de liberdade, uma liberdade que vai além do indivíduo, que se torna significativa no momento em que se torna coletiva. Além disso, o amor que Mika sentia por Hipo, além de se tornar um vínculo e seguir o caminho das relações clássicas, era uma força motriz no coração revolucionário de Mika, sendo assim um amor a serviço da causa da liberdade.

### Exemplo internacionalista a seguir

Mika é um exemplo e um símbolo de uma postura internacionalista que não parte de uma solidariedade distante, mas se conecta do coração e do fundo da alma, sentindo-se parte da revolução e colocando sua vida em risco para a defesa da mesma. Ele também mostrou que o comando de uma mulher não se baseia apenas

**Casilda Ginestá**  
**Comitê Jineolojî da Europa**







*A vida de Sakine Cansiz:  
“Construindo utopias aqui e agora”*

**N**a manhã de 10 de janeiro de 2013, milhões de curdos despertaram com a terrível notícia do assassinato de Sakine Cansiz (Sara), Fidan Doğan (Rojbîn) e Leyla Şaylemez (Ronahî) no Centro de Informação do Curdistão localizado na Rua La Fayette, no centro de Paris. Imediatamente, dezenas de milhares de europeus, curdos e simpatizantes irromperam na cena do crime para demonstrar sua raiva. Três dias depois, centenas de milhares de pessoas de diferentes nacionalidades e culturas saíram às ruas de Paris, manifestando-se contra este covarde ato de execução política. Sakine Cansiz foi co-fundadora do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e figura destacada entre o Movimento das Mulheres Curdas. Foi uma das poucas revolucionárias que se tornaram lendas em vida, especialmente devido a seu papel histórico na resistência da prisão de Diyarbakir (Turquia), nos primeiros anos do PKK. Fidan Doğan era uma representante do Congresso Internacional do Curdistão (KNK) na França, levou a causa do povo curdo a reuniões e instituições internacionais como o Parlamento Europeu. Leyla Şaylemez era uma jovem ativista do Movimento Juvenil Curdo e do Movimento das Mulheres Curdas. O assassinato das três militantes se produziu em um momento em que se vislumbravam horizontes de paz e liberdade, poucos dias depois que uma delegação

política conseguiu visitar o líder curdo Abdullah Öcalan na prisão de Imrali (Turquia). Contudo, seus assassinos não se deram conta de que a semente plantada por Sakine Cansiz e suas companheiras se converteriam em flores, árvores e bosques nos anos seguintes, na revolução de Rojava, na solidariedade das mulheres do Oriente Médio em luta pela libertação das mulheres ao redor do mundo que estava em curso...

Sakine Cansiz era uma mulher curda alevî nascida em 1958 em Dersim, no norte do Curdistão. Um espinho cravado no sistema nacionalista da República da Turquia, o povo de Dersim sofreu o genocídio de 1938 depois do levante liderado por Seyit Riza. Estima-se que 70.000 pessoas morreram nos bombardeios ordenados Mustafa Kemal Atatürk e outras dezenas de milhares foram deportadas. O nome Dersim foi borrado dos mapas e substituído por Tunceli, “punho de ferro”, como símbolo da imposição da submissão e do silêncio na região. A idade de Seyit Riza foi reduzida nos registros oficiais (tinha mais de 70 anos) para que sua execução fosse considerada legal. Antes de morrer, contam que ele disse: “Não pude competir com seus truques e mentiras. Isso foi um problema. Mas não me submeti. Pode ser que seja um problema para ti”.

Sakine Cansiz era uma filha do povo de Dersim, banhada pelas águas do rio Munzur. Entretanto, no momento de seu nascimento, o medo

e o silêncio se apoderavam de sua comunidade. Assim como muitos jovens da época, criados sob a doutrina do Estado, Sakine cresceu sem ser consciente de sua identidade curda. Tudo mudou quando conheceu alguns estudantes curdos e turcos da classe trabalhadora agrupados em torno a Abdullah Öcalan, que se autodenominavam “revolucionários do Curdistão”. Antes de se unir aos revolucionários do Curdistão, Cansiz havia sido profundamente influenciada por líderes do movimento turco que foram executados, como Deniz Gezmiş y Mahir Çayan. Sakine explicou dessa forma seu primeiro contato com a vida revolucionária: “A ideia da luta política revolucionária me levou por um caminho que transformou minha vida por completo. Conheci jovens companheiros que viviam próximos. Seu estilo de vida, seus valores e pontos de vista sobre conceitos morais me mudaram completamente. Me dei conta de que levavam a tocha da liberdade em suas mãos”. Rebelde e emocional por natureza, Sakine Cansiz se sentiu atraída pelos revolucionários do Curdistão não apenas por sua teoria revolucionária, mas também pelas formas com que o novo grupo desenvolveu a capacidade de “sentir a dor da gente”. Seus primeiros contatos com companheiros foram durante a adolescência, quando enviou comida e outros itens a estudantes pobres das casas em ruínas da vizinhança. Em suas próprias palavras, os revolucionários do Curdistão eram uma alternativa clara e autônoma a duas opções dominantes: o chauvinismo social da esquerda turca, que negava as condições específicas do Curdistão, ou o nacionalismo turco conservador, que tinha pouco a oferecer em termos de mudanças sociais ou luta de classes. No início de sua juventude, identificou a primeira grande contradição que experimentava em sua vida privada: a condição feminina no Curdistão. Na década de 70, depois de abandonar sua casa e recusar a vida tradicional que não desejava, começou a trabalhar em fábricas para organizar as mulheres trabalhadoras. No decorrer de seus motins e ações foi presa diversas vezes.

Em prisões de distintas partes da Turquia, foi testemunha de uma variedade de pessoas esquecidas, mas rebeldes: trabalhadoras de fábricas miseráveis, ciganas orgulhosas, prostitutas de forte caráter e traumatizadas sobreviventes de genocídios. Em suas memórias, rendeu homenagem a essas vidas fascinantes e afirmou

sua crença de que seriam suscetíveis de converterem-se em militantes da revolução. Sua decisão de profissionalizar a revolução coincidiu com a decisão de seus companheiros de fundar um partido. Ao final dos anos 70, os “apoístas” (seguidores de Abdullah Öcalan) organizaram comitês em muitas regiões do norte do Curdistão. Sakine Cansiz foi a encarregada de construir o movimento das mulheres, um dever que assumiu de coração. Sozinha, ela conseguiu reunir grandes grupos de jovens mulheres para debaterem e educarem-se. Em 27 de novembro de 1978, com apenas 20 anos, Sakine Cansiz se converteu em uma dos co-fundadores do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), ao participar de seu Congresso de fundação.

### **O golpe militar de 1980 e a resistência nos presídios**

Neste momento, o infame golpe de estado de 12 de setembro de 1980 já pairava no ar pelos ataques aos grupos revolucionários do país, especialmente aos do Curdistão. Pouco depois da fundação do PKK, em 1979, Sakine Cansiz e vários de seus companheiros, incluindo os membros do Comitê Central, foram detidos em uma ronda em Elazığ (Turquia). Durante o golpe de estado, foi transferida para a prisão de Diyarbakir, uma nova construção baseada no sistema penitenciário dos EUA. E local onde a lei marcial acabou com a dignidade humana. Até o dia de hoje, a grande maioria das atrocidades de direitos humanos ocorridas na prisão de Diyarbakir não foram documentadas. Incluem estupros e violências sexuais, choques elétricos, afogamentos em águas fecais e obrigar a comer excrementos de cachorro. O Estado turco queria destruí-los moralmente para que renunciassem sua identidade como curdos e socialistas. Ainda que a Turquia nunca tenha reconhecido os fatos, nem se responsabilizado por eles, esta barbárie permaneceu gravada a fogo na memória do povo curdo. Nestes anos, o PKK, da mesma forma que outros grupos revolucionários, enfrentou a aniquilação total de sua estrutura devido ao regime golpista. A tortura por parte do Estado foi tão longe que alguns destacados membros do partido, como Şahin Dönmez, se converteram em informantes. Outros, que lutavam contra a tentação de se converterem em delatores frente às insuportáveis torturas, se salvaram do



abismo da traição precisamente pelo ambiente de amizade e solidariedade criado por pessoas como Sakine Cansiz. Graças a ela, não houve nenhuma informante no pavilhão feminino. Entre os presos se encontravam fundadores do PKK como Mazlum Doğan, Kemal Pir e Hayri Durmuş. Criaram uma atmosfera de rebelião constante através de atividades culturais e atos políticos, suas estratégias para evitar o projeto do Estado turco incluíram defesas ideológicas nos tribunais sobre o colonialismo, o trabalho educativo e político, a autodefesa física, os jejuns mortais e sacrifícios. Mazlum Doğan teve um ato final de rebelião no dia de Newroz (celebração curda) de 1982, quando corajosamente ateou fogo contra o próprio corpo, tirando sua vida com a mensagem “A rendição é a traição, a resistência traz vitória”. Na prisão, Sakine Cansiz escreveu sobre a ação de Mazlum Doğan: “Tratamos de compreender o propósito da ação de Mazlum. Finalmente entendemos que estava relacionado com o Newroz. Sua mensagem era clara, proclamava: A resistência é vida!”. Depois da ação de Mazlum Doğan, mais quatro presos, Ferhat Kurtay, Eşref Anyık, Necmi Önen e Mahmut Zengin, atearam fogo contra seus corpos como forma de protesto. Foi com a liderança dos membros centrais do PKK, Kemal Pir, Hayri Durmuş, Akif Yılmaz e Ali Çiçek, que o 14 de julho de 1982 foi anunciado como o começo de um jejum até a morte para protestar contra as

condições da prisão de Diyarbakir. Os quatro faleceram. No entanto, a resistência da prisão de Diyarbakir desencadeou um apoio popular sem precedentes e a decisão de começar a luta armada em 15 de agosto de 1984.

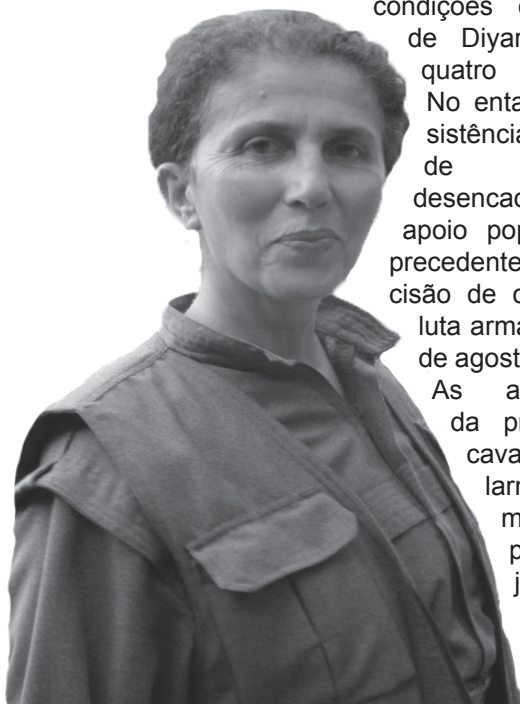
As autoridades da prisão atacavam particularmente às mulheres, pois desejavam impor a elas noções

tradicionais, patriarcais e feudais. O diretor mais famoso da prisão, Esat Oktay, conhecido por seu sadismo, desfrutava dos gritos de dor de suas vítimas torturadas. Um homem sem nenhum respeito pela honra e dignidade humana. Oktay foi assassinado na rua por alguém que enviava saudações a Kemal Pir, morto na prisão. Oktay estava obsessivo com a ideia de esterilizar as mulheres infectando suas trompas de Falópio e machucando suas genitálias. Expressou de forma explícita seu desejo por extinguir a “raça” curda. Em suas memórias, Sakine Cansiz escreveu: “Como sádico, mostrou sua tendência a golpear as mulheres entre as pernas até sangramos, nos ameaçou de cravar paus e utilizou seus próprios dedos para abrir os lábios vaginais até rasgá-los”. A postura contestadora de Sakine frente à Oktay é legendária, todos os simpatizantes do PKK sabem que ela lhe cuspiu na cara enquanto a torturava. Os homens prisioneiros do PKK escreveram na época sobre as formas com que a luta de Sakine Cansiz na prisão os alentou a resistir em meio ao desespero. A resistência de Sakine Cansiz na prisão de Diyarbakir conduziu a um novo foco sobre as mulheres na sociedade curda. Encorajou as mulheres a unirem-se às estruturas revolucionárias nas cidades e as moveu até a politização nas aldeias. Começando por sua resistência na prisão, o ativismo das mulheres curdas ganhou um maior respeito e apoio entre as massas populares. No momento de sua libertação em 1991, havia passado 12 anos de sua juventude nos cárceres de Elazig, Diyarbakir, Bursa, Canakkale e Malatya.

Logo depois, continuou sua luta ativa nas fileiras do PKK. Foi até a Academia Mahsum Korkmaz ligada ao PKK no Vale de Beca, Líbano, onde se uniu a formações ideológicas dirigidas por Abdullah Öcalan. Os aspectos de sua força de vontade, luta e vida freqüentemente se somaram como exemplos nos discursos de Öcalan. Foi Öcalan quem a incentivou a escrever sobre sua vida. Suas memórias foram escritas em 1996 e postas à disposição do público depois de sua morte em três volumes. Na década de 1990, assumiu tarefas importantes na organização do movimento curdo na Palestina, Síria e Rojava.

### **Importância indispensável para o avanço da liberação das mulheres**

Ela acreditava ser possível para as mulheres



do Curdistão se apoderarem de si mesmas e de sua história ao unirem-se à luta revolucionária do PKK. Descreveu a luta por liberdade da seguinte maneira: “Este movimento aborda a essência do ser humano. Em todos os nossos debates, formações e discursos, a humanidade e os valores humanos são o ponto de partida.

Estamos discutindo o desenvolvimento dos humanos e da sociedade, as etapas históricas e os valores da humanidade. As mulheres, que queriam entender estes temas, se identificaram com o movimento por libertação. No começo desta luta pelo Curdistão e da luta política, a participação das mulheres no processo revolucionário era muito difícil. No entanto, conseguimos aproximá-las e obtivemos o poder de dar forma a nosso movimento”. Em suas próprias palavras, o tempo que passou como guerrilheira nas montanhas do Curdistão foram os momentos mais bonitos e significativos de sua vida. A participação de Sakine Cansız na luta pela libertação do Curdistão é paralela a cronologia do movimento organizado de mulheres curdas. Ela desempenhou um papel crucial na formação do exército autônomo de mulheres (hoje YJA Star) e do partido de mulheres (hoje PAJK). Ela não era uma pessoa que esperava ordens. Pelo contrário, ela assumia a responsabilidade, inclusive nos momentos mais difíceis. Devido a sua personalidade de forte caráter, era conhecida como uma companheira que nunca aceitaria a dominação masculina ou outras formas de comportamento anti-revolucionário. Sua luta foi contra o atraso social e a injustiça e, além disso, estava atenta às realidades e condições sociais da sua gente. Tinha uma

personalidade coletiva e comunitária que estabelecia solidariedade com todos que a rodeavam, mas também era obstinada e destemida quando se tratava de expressar suas críticas e desacordos. Ao longo de sua vida, sempre incentivava suas camaradas a avançar, ser fortes e persistentes. Segundo descreve uma de suas primeiras companheiras e amigas de toda a vida:

“Sara sempre estava pronta como se estivesse a ponto de ir, mas sempre trabalhava como se fosse ficar para sempre”. Em 1998, Abdullah Öcalan lhe deu a missão de se encarregar das tarefas e responsabilidades do movimento de liberdade cudo na Europa. Entre outras tarefas, organizou e educou quadros do movimento de vários países europeus, assim como a comunidade curda migrante. Dessa forma, estabeleceu vínculos com diferentes movimentos progressistas fora do Curdistão, respeitando as diversidades e enfatizando a importância de lutar por valores humanos comuns como movimentos alternativos, feministas, de esquerda e democráticos para construir estruturas de autonomia democrática e uma sociedade democrática, livre e libertada de gênero. Portanto, assumiu um papel importante na criação de solidariedade

para a causa curda. Estava sempre recrutando, organizando e educando sua gente, em especial mulheres jovens, até o seu último suspiro. Aos seus olhos, a luta foi um fator determinante de liberdade: “Em minha utopia, deve lutar por liberdade por toda sua vida. Em um Curdistão libertado, a luta deve ser gloriosa”. À luz desta notável e legendária vida, ninguém esperava que esta heroína fosse executada a sangue frio em um insidioso assassinato no coração de Paris.

Desde o primeiro





dia, o movimento de mulheres curdas enfatizou a natureza bárbara do assassinato como um intento de atacar o coração da revolução do Curdistão: a mulher libertada. Ainda que o assassino, Ömer Güney, tenha sido identificado desde o início, sabe-se que o serviço de inteligência do Estado turco ordenou o assassinato para sabotar o processo de paz. As autoridades francesas não expuseram a natureza política deste crime. O assassino morreu em circunstâncias misteriosas na prisão apenas algumas semanas antes do início do seu julgamento. A cada ano, o movimento curdo organiza uma manifestação massiva em Paris junto a outros movimentos de mulheres para exigir "Justiça e Verdade!".

As mulheres curdas não descansam até que o caso do massacre de Paris esteja completamente resolvido em todas as suas dimensões. Sakine Cansiz sempre quis voltar a Dersim como guerrilheira. E, de fato, ela regressou a sua terra natal como heroína. Sua tumba se converteu em algo parecido a um santuário, um lugar de peregrinação para os oprimidos, os jovens, os trabalhadores, as mulheres. Milhões de pessoas

se despediram dela, levando seu caixão desde Paris, passando por Amed, até Dersim. Na revolução de Rojava, os esforços de libertação das mulheres rendem homenagens a Sakine Cansiz e suas companheiras. A luta iniciada por um pequeno grupo de jovens alcança agora uma etapa em que os revolucionários estão discutindo sua filosofia e prática desde o Brasil até a Índia.

As mulheres, que libertaram o mundo dos violadores fascistas do ISIS, o fizeram tomando nomes de guerra como Sara, Rojbîn, Ronahî. Hoje, as novas gerações de crianças curdas são educadas com os valores e a mentalidade de Sara.

Como costuma dizer o movimento de mulheres:  
***"Podem cortar nossas flores, mas não podem deter a primavera!"***

**Não esquecer  
nem perdoar!**





# FRANTZ FANON INTERNACIONALISTA ANTICOLONIALISTA

**F**rantz Fanon nasceu em 1925 e morreu 36 anos depois, em 1961. Ele nasceu na Martinica, que naquela época ainda era uma colônia francesa. A Martinica é um território cuja história está ligada à da escravidão. Em 1635 tornou-se uma colônia francesa e foi administrada pela “Compagnie des Iles d’Amérique” (companhia francesa de tráfico de escravizados) e foi um centro do comércio de escravizados negros até 1848. Tornou-se um departamento francês em 1946, após uma longa luta política liderada, entre outros, pelo famoso líder anticolonial, poeta e escritor Aime Césaire.

## Origens e história pessoal

Frantz Fanon nasceu em uma família de descendentes de escravizados africanos. Entretanto, ele teve a oportunidade de frequentar uma educação de qualidade na Escola Schoelcher (a melhor escola da ilha na época) onde seguiu à risca as lições de seu professor favorito Aime Césaire. Com o estabelecimento do regime de Vichy na França, a Martinica foi ocupada por militares vichistas franceses cujo comportamento racista e abuso das populações não brancas exacerbaram as tensões sociais na ilha. Determinado a combater o racismo e suas raízes fas-

cistas, o jovem Frantz Fanon fugiu do território para juntar-se às “Forças da França Livre” para combater os ocupantes nazistas e seus colaboradores franceses. Ele foi enviado a um destacamento Aliado ao longo do Mediterrâneo para lutar contra as forças do Eixo, depois foi enviado à França onde lutou pela libertação do território, especialmente em Colmar onde foi ferido em batalha pela qual recebeu uma condecoração militar. Durante seu serviço nas forças aliadas, Fanon testemunhou e sofreu o racismo dos europeus brancos contra os soldados não-brancos que lutaram com eles contra o fascismo. Por exemplo, sua unidade foi “branqueada” (retirando combatentes não brancos) para receber fotógrafos antes de atravessar o Reno, ou em aldeias libertadas os aldeões preferiram dançar com prisioneiros nazistas do que com seus libertadores negros. Estas experiências terão um grande impacto na mente de Fanon; ele se referirá frequentemente a elas para descrever a mentalidade dos colonos. Após a guerra, Fanon retorna à Martinica onde terminará seus estudos secundários. Ele retornou à França para estudar medicina e psiquiatria graças a uma bolsa de estudos que ganhou como veterano. Durante seus estudos, ele fará uma dissertação sobre os efeitos psicológicos da dominação colonial



sobre os indivíduos negros. Este ensaio é uma resposta à discriminação racial que ele testemunhou através de suas muitas experiências. Sua tese foi rejeitada por seus professores, o que não o impediu de publicá-la nos anos seguintes sob o nome de “Peles Negras Mascaras Brancas”. Este texto descreve as injustiças sofridas pelos negros na França e as conseqüências psicológicas dessas injustiças sobre os indivíduos, por exemplo, um sentimento integrado de inferioridade em comparação com os brancos:

“Pedir a um negro do Alto Níger que calce seus sapatos, dizer dele que é incapaz de se tornar um Schubert, não é menos absurdo do que perguntar se um trabalhador Berliet não dedica suas noites ao estudo do lirismo na literatura indiana ou declara que nunca será um Einstein”. (peles negras, máscaras brancas)

“Escorrego pelos cantos, permaneço em silêncio, desejo o anonimato, o esquecimento. Aqui, eu aceito tudo, mas não deixe mais ninguém me ver!” (peles negras, máscaras brancas)

Após seus estudos ele foi trabalhar como psiquiatra com outro eminente psiquiatra revolucionário, François Tosquelles. Ele é um veterano da Guerra Civil espanhola e teve muitas experiências de ocupação, (ocupação da

Catalunha pela Espanha, dos Franquistas na Espanha republicana e depois dos Alemães na França). Tosquelles descreve a estrutura psíquica da ocupação, explicando assim que não se trata de um simples fato histórico. As teses de Tosquelles influenciarão as reflexões de Fanon. Juntos eles discutirão o efeito das culturas dos pacientes em suas patologias psicológicas.

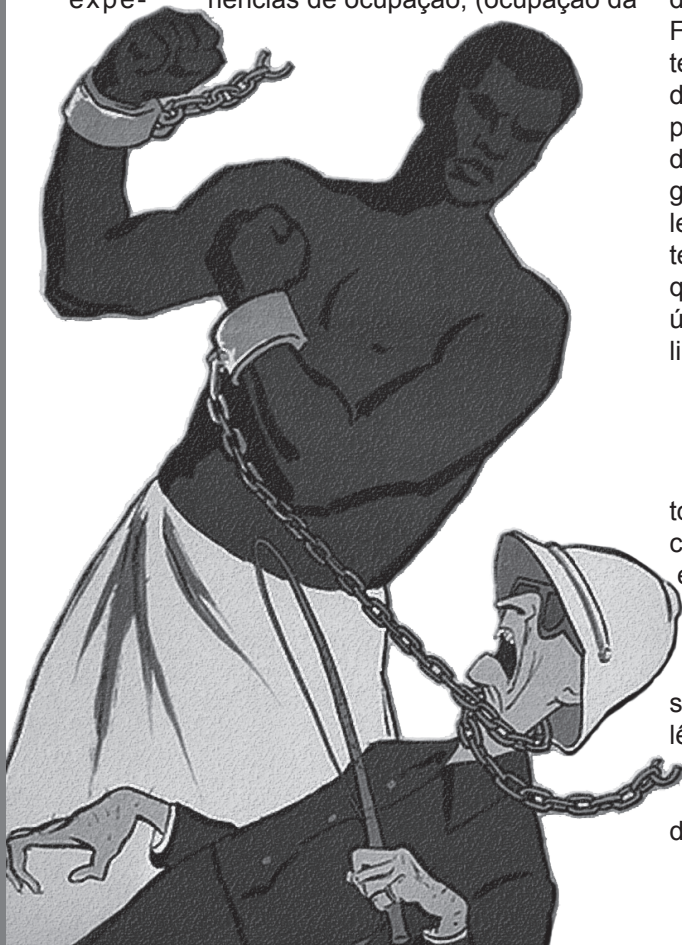
### Atuando como psiquiatra

Em 1953, Fanon voltou à Argélia, onde já havia sido ido durante a guerra. Ali ele se estabeleceu como psiquiatra e praticou uma abordagem social em suas terapias para compreender melhor o contexto cultural de seus pacientes. No ano seguinte, em 1954, teve início a guerra de libertação nacional para a independência da Argélia. Como médico em um hospital francês, Fanon cuidou de soldados franceses traumatizados pelas torturas que infligiram aos rebeldes e aos civis argelinos. Ao mesmo tempo, ele também cuida das vítimas de tortura. A situação lhe oferece uma extraordinária visão dos mecanismos psíquicos em jogo. Entretanto, a situação é insustentável para seu caráter, para seu profundo desejo de justiça. Ele entra para as fileiras da FLN (Frente Nacional de Libertação) e se demite do hospital. Começa a escrever para o jornal do FLN “El Moudjahid”, viaja ao redor do mundo para apoiar a luta e dá palestras para membros da resistência argelina. Durante a guerra na Argélia, ele ficou doente e foi diagnosticado com leucemia. Seus dias estão contados. Pouco antes de sua morte, escreveu um último livro no qual recolheu suas análises e reflexões. Este último livro será um manifesto das lutas pela libertação nacional e dos povos colonizados.

### Referência na luta anticolonialista

A figura de Frantz Fanon é uma referência para todos os movimentos de emancipação e lutas contra a dominação. Estas análises da relação entre poder e violência explicam a dialética da colonização e esclarecem posições para superar uma mentalidade dominada e colonizada:

“O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É violência no estado natural e só pode curvar-se a uma violência maior. Em um nível individual, a violência desintoxica. Liberta os colonizados de seu complexo de inferioridade, de suas ati-



tudes contemplativas ou desesperadas. Isso os torna destemidos, reabilita-os aos seus próprios olhos.” Sua jornada de vida lhe deu uma profunda compreensão da psique do colonizador e do colonizado. Através da diversidade destas fontes de inspiração ele foi capaz de formular uma filosofia universal de libertação, emancipação e descolonização. Seus textos falam de negros, argelinos, franceses, mas também das Américas e da África. Ele compreendeu as conexões necessárias das lutas de libertação. Sua identidade como lutador internacionalista lhe permitiu interpretar a importância de respeitar e valorizar as culturas ao redor do mundo. Ele entendeu que as nações não podem ser livres até que todos os povos sejam livres:

“A autoconsciência não está fechada à comunicação. Pelo contrário, a reflexão filosófica nos ensina que ela é a garantia disso. A consciência nacional, que não é nacionalismo, é a única que nos dá uma dimensão internacional”.

Para ele, a libertação das mentalidades colonizadas só pode ser ativa. Estes escritos nos incitam a agir para tomar uma atitude, para fazer parte de uma luta pela emancipação de cada um de nós:

“A política é abrir a mente, despertar o espírito, trazer o espírito para o mundo”. É como disse Césaire: “inventar almas”. Politizar as massas não

é, não pode ser, fazer um discurso político. É tentar fazer as massas entenderem que tudo depende delas, que se ficarmos estancados é culpa delas e se seguirmos em frente é culpa delas também “Cada geração deve, em relativa opacidade, descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la”.

“A imobilidade à qual os colonizados estão condenados só pode ser questionada se os colonizados decidirem terminar a história da colonização, a história da pilhagem, para fazer exis-

tir a história da nação, a história da descolonização”. Embora se concentre essencialmente nas questões da relação entre o Norte e o Sul, a questão da colonização, e especialmente a colonização das mentalidades, pode ser transposta para uma colonização de classes ou gênero. A classe capitalista coloniza as classes trabalhadoras, o patriarcado coloniza as mulheres, coloniza suas mentalidades. Assim como os negros podem desenvolver um sentimento de inferioridade em relação aos brancos, os trabalhadores e as mulheres podem desenvolver um sentimento de inferioridade em relação aos capitalistas ou aos homens. Também, como Marx descreveu quando falou do ópio do povo, Fanon criticou a religião como uma função anestésica para conter o desejo de justiça dos colonizados:

“Os colonizados também conseguem, através da religião, ignorar os colonizados. Através do fatalismo, toda iniciativa é tirada do opressor, da causa do mal, da miséria e do destino para retornar a Deus. O indivíduo aceita assim a dissolução decidida por Deus, achata-se diante do colonizador e diante do destino e, através de uma espécie de reequilíbrio interior, alcança uma serenidade de pedra”.

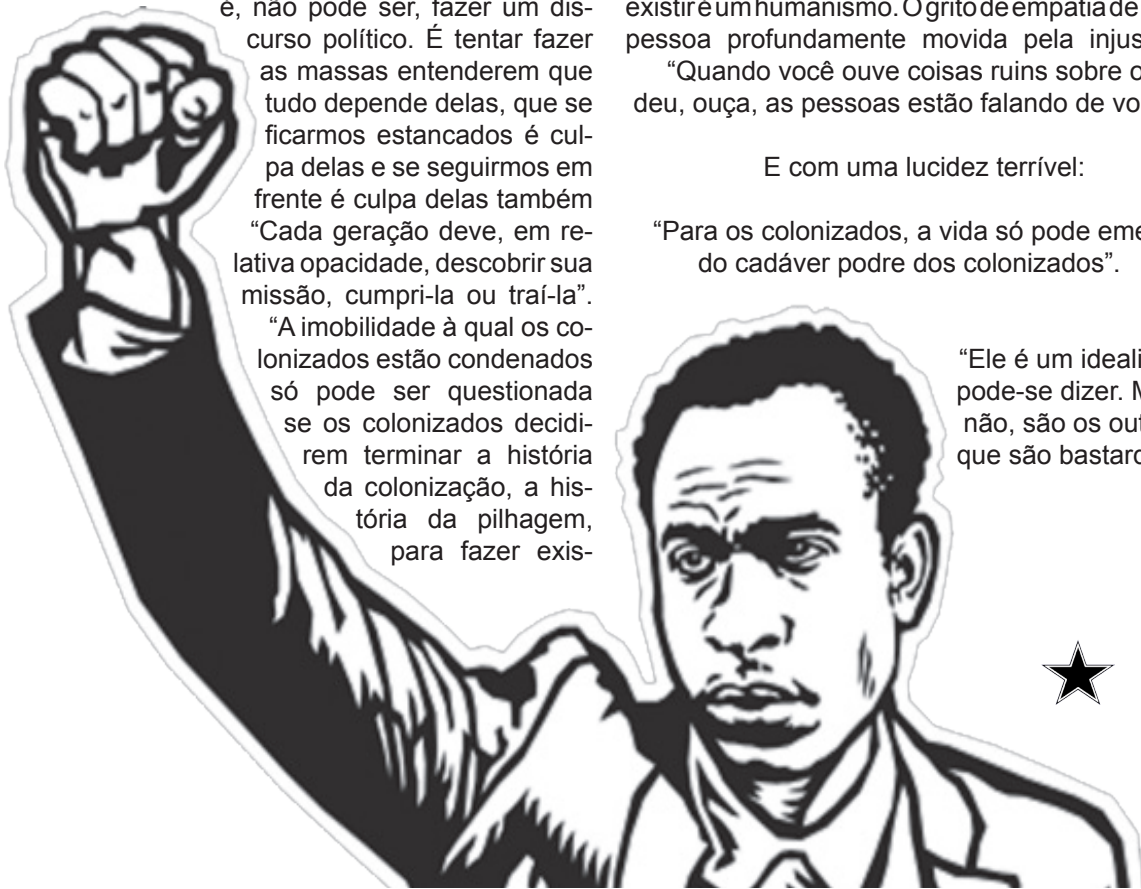
A intransigência de Fanon em relação ao poder, à colonização e à mentalidade que lhe permite existir é um humanismo. O grito de empatia de uma pessoa profundamente movida pela injustiça:

“Quando você ouve coisas ruins sobre o judeu, ouça, as pessoas estão falando de você!”

E com uma lucidez terrível:

“Para os colonizados, a vida só pode emergir do cadáver podre dos colonizados”.

“Ele é um idealista, pode-se dizer. Mas não, são os outros que são bastardos”.





Ya se mira el horizonte  
Combatiente zapatista  
El camino marcará  
A los que vienen atrás

Vamos, vamos, vamos, vamos adelante  
Para que salgamos en la lucha avante  
Porque nuestra Patria grita y necesita  
De todo el esfuerzo de los zapatistas

Hombres, niños y mujeres  
El esfuerzo siempre haremos  
Campesinos, los obreros  
Todos juntos con el pueblo

Vamos, vamos, vamos, vamos adelante  
Para que salgamos en la lucha avante  
Porque nuestra Patria grita y necesita  
De todo el esfuerzo de los zapatistas

Nuestro pueblo dice ya  
Acabar la explotación  
Nuestra historia exige ya  
Lucha de liberación

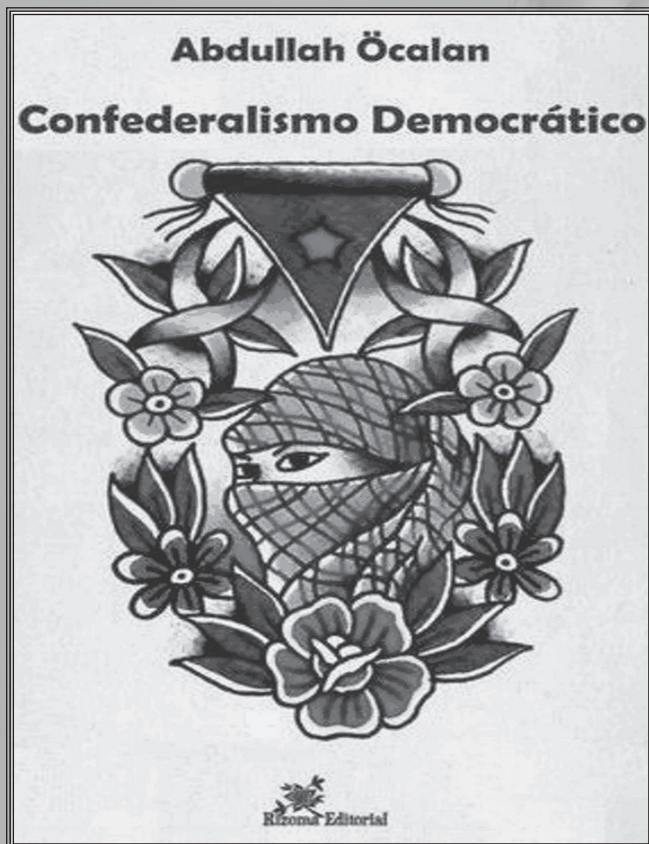
Vamos, vamos, vamos, vamos adelante  
Para que salgamos en la lucha avante  
Porque nuestra Patria grita y necesita  
De todo el esfuerzo de los zapatistas

Ejemplares hay que ser  
Y seguir nuestra consigna  
Que vivamos por la patria  
O morir por la libertad

Vamos, vamos, vamos, vamos adelante  
Para que salgamos en la lucha avante  
Porque nuestra Patria grita y necesita  
De todo el esfuerzo de los zapatistas.



## RECOMENDAÇÃO DE LIVRO



---

*Libertando a vida:  
a revolução das mulheres*

---

**Autor:** Abdullah Öcalan

**Publicado por:** Coletivo Libertário  
de Apoio a Rojava; Rizoma

**Publicação:** 2016

Nesta brochura, o projeto político de Öcalan, a Confederação Democrática, é desenvolvido sistematicamente. Uma crítica fundamental ao Estado-nação é seguida por uma descrição de sua possível alternativa, uma democracia de base transnacional.

Você pode encontrar este livro online para download em pdf em:  
<http://ocalanbooks.com/#/book/confederalismo-democratico-pt>





---

*O significado de Lêgerin em curdo significa “Busca da liberdade”*

A revista Lêgerin será publicada a cada 3 meses em nosso website [www.revistalegerin.com](http://www.revistalegerin.com), disponibilizando-a para download e impressão. Além da revista, outros conteúdos autorais e do movimento revolucionário serão publicados em nosso website!

---



*@Revista\_legerin*



*@revistalegerin*



*legerinkovar@protonmail.com*



*legerinLatin@riseup.net*

Nos siga em nossas redes sociais, acompanhe nossas atualizações! Temos também um canal e grupo no telegram para a divulgação e discussões sobre os textos e seus temas.

Sintam-se livres para entrar em contato conosco via nossos emails, ficaremos contentes em responder a dúvidas e questões que possam ter. Desde discordâncias em textos e um pedido por materiais, até dúvidas a respeito do movimento em si.

***Serkeftin!***



